



Janeiro a Junho 2014

# CAPA e BATINA

N.º 43 • 3ª SÉRIE

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



## NESTE NÚMERO

XXII ANIVERSÁRIO  
DA ASSOCIAÇÃO

PAG. 04

TERTÚLIAS  
ACADÉMICAS

PAG. 06

OS NOSSOS  
PASSEIOS

PAG. 12

TRASLADAÇÃO E SARAU  
“TRIBUTO A LUIZ GOES”

PAG. 21



03	EDITORIAL Uma homenagem mais do que justa
04	EM DESTAQUE XXII Aniversário da Associação
06	TERTÚLIAS ACADÉMICAS "Coimbra, p'ra ser Coimbra" "25 de Abril – 40 anos depois" "Jorge Amado, um romancista comprometido com o povo, o Brasil, o futuro"
12	OS NOSSOS PASSEIOS CÁ DENTRO: – Fim-do-Ano e Réveillon em Tavira – Passeio da Primavera: Fim de semana no Alentejo LÁ FORA: – Viagem a Israel
20	A VOZ DA FILANTRÓPICA Chá dos Reis e Chá da Primavera
21	TRASLADAÇÃO E SARAU "TRIBUTO A LUIZ GOES"
26	ASSOCIATIVISMO A Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (Alumni) e o associativismo no âmbito da universidade
28	OS NOSSOS POETAS Poesia de Maria Maia (M <sup>a</sup> Teresa Carrilho) e de Abílio Patinho
29	NOTÍCIAS BREVES
31	SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE...
31	VISITAS LOCAIS
31	IN MEMORIAM
31	NOVOS SÓCIOS

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.  
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:  
[www.aaec-lisboa.com](http://www.aaec-lisboa.com)

## UMA HOMENAGEM MAIS DO QUE JUSTA

Foi com muita honra que, enquanto presidente da Câmara Municipal de Coimbra, reservei o jazigo nº 33 do talhão 3 do Cemitério Municipal da Conchada como Mausoléu Municipal destinado à inumação em sepultura perpétua dos restos mortais de figuras ilustres da canção de Coimbra, ligadas à Academia e à Cidade e, como tal, reconhecidas expressa e inequivocamente pela Câmara Municipal.

No desencadear deste processo, enalteço o papel das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra, que se disponibilizaram generosamente para colaborar neste ato de cultura. A ação conjunta das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra e da Reitoria da Universidade de Coimbra contribuíram para que eu estivesse presente, com muita honra, no passado dia 30 de março, na trasladação dos restos mortais de Luiz Goes para o novel Mausoléu Municipal. Seria difícil encontrar uma melhor estreia para este espaço de homenagem.

Tendo em conta a data, foi um dia inusitadamente chuvoso, frio e ventoso, como se também os céus e os elementos se associassem a este preito por Luiz Goes. Depois de retirada do jazigo da família de António Portugal, outro nome grande da Canção de Coimbra, a urna de Luiz Goes foi levada para a Capela do Cemitério da Conchada.

Aqui, numa cerimónia simples, mas tocante e a que assistiram cerca de 150 pessoas, ouviram-se fados de Coimbra, interpretados pelo grupo Raízes de Coimbra. Para além das minhas palavras, falou quem devia falar: a viúva Paula Goes, a filha Ana Goes e o amigo Carlos Carranca, que colocou a maioria dos presentes a cantar, em coro, "quem trouxer mãos livres ou um assobio nem é preciso que saiba cantar".

Luiz Fernando de Sousa Pires de Goes, nascido em Coimbra, em 5 de Janeiro de 1933, licenciado em Medicina na Universidade de Coimbra (em 1958),

foi médico e cultor ímpar da canção de Coimbra. Começou a cantar em público aos 14 anos, gravou o primeiro disco aos 19, a convite de António Pinho Brojo, e tornou-se numa das referências da canção de Coimbra.

Era um cantor de invulgar convicção na forma como interpretava as letras, na profundidade que dava às palavras, além de senhor de uma melodiosa voz de grande extensão. Enquanto estudante da Universidade de Coimbra formou o Coimbra Quintet, com os instrumentistas António Portugal, Jorge Godinho, Manuel Pepe e Levy Batista, e cantou acompanhado por Artur Paredes. Foi colega de liceu de António Portugal e José Afonso e com eles gravou os primeiros discos musicais.

Integrou o Orfeão de Coimbra, na categoria de barítono e participou noutras formações académicas, nomeadamente o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, a Tuna e o Coral da Faculdade de Letras. Recrutado para o serviço militar, esteve destacado na Guiné-Bissau no contexto da guerra colonial. Quando regressou, em 1966, fixou residência em Lisboa, onde exerceu a profissão de estomatologista, até à sua reforma em 2003. Além de ter gravado dezenas de fados, baladas e canções de Coimbra, Luiz Goes assinou, como autor, 25 fados e 18 baladas, dos quais se destacam "Fado da Despedida", "Toada Beirã", "Balada da Distância", "Canção do Regresso", "Homem Só, Meu Irmão", "Romagem à Lapa", "É Preciso Acreditar", entre muitos outros. O disco "Serenata de Coimbra", que gravou em 1957, é um dos álbuns mais vendidos da música portuguesa, em Portugal e no estrangeiro, contando com mais de 15 edições.

Da sua extensa discografia registam-se os álbuns "Coimbra de ontem e de hoje" (1966), "Coimbra do mar e da vida" (1969), "Canções de Amor e de Esperança" (1969) e "Canções para quase Todos" (1983). Em 2002, celebrou o 50º

aniversário da carreira artística, tendo a produtora EMI Music/Valentim de Carvalho publicado a obra integral numa edição intitulada "Canções Para Quem Vier". Em 1998 foi editada uma biografia "Luiz Goes de Ontem e de Hoje", de autoria de Carlos Carranca.

Entre as muitas digressões à Europa, África e Américas, destacam-se as suas atuações no Congresso da Cultura da Língua Portuguesa na Universidade de Georgetown, em Washington D.C., no aniversário das Nações Unidas, na Suíça, e na homenagem a Beethoven, na Áustria. Participou em vários programas da televisão portuguesa, do Brasil, Espanha, França, Suécia, Áustria, Estados Unidos e África do Sul.

No período anterior ao 25 de Abril de 1974, militou na oposição à ditadura de Salazar e Marcello Caetano. Defensor da "Canção Coimbrã", da balada, mas não fado, Luiz Goes foi agraciado com a Ordem do Infante Dom Henrique (grau de Grande Oficial), a Medalha de Ouro da Cidade de Coimbra /Câmara Municipal de Coimbra, a Medalha de Mérito Cultural da Câmara Municipal de Cascais e o Prémio Amália Rodrigues 2005 (na categoria Fado de Coimbra).

Assim, Luiz Goes, que foi generalizadamente considerado o "menino-prodígio" da canção coimbrã e a essa causa deu decisivo impulso regenerador, digno e admirável, notabilizou-se como conimbricense ilustre, valorizando Coimbra em Portugal e no estrangeiro e, deste modo, deu um contributo inequívoco para o prestígio da Cidade e da Academia, enquanto compositor e intérprete da canção de Coimbra, mas também, sem qualquer dúvida, enquanto médico e cidadão. A homenagem daquele dia 30 chuvoso foi, por tudo isto, e por tudo o que falta aqui dizer, mais do que justa.

*Manuel Machado, Presidente da Câmara Municipal de Coimbra*

XXII

# ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO

22 DE MARÇO DE 2014

No passado dia 22 de Março foi comemorado o 22.º Aniversário da nossa Associação. Depois de algumas dificuldades para encontrar um local adequado, acabámos por voltar a um sítio já conhecido de todos nós – o Instituto Português do Desporto e Juventude, no Parque Expo, em Lisboa.



Os cerca de 60 participantes foram chegando pelos seus meios e pelas 13:30 horas deu-se início ao almoço, ao qual se seguiu o sarau habitual. Desta vez, o mesmo iniciou-se com o Grupo Coral Ad-Hoc (muito aplaudido);



Depois actuaram (com agrado geral) os *Madre Christo*, acompanhados dos filhos que já começam a estar crescidinhos;

E, em seguida, vieram os Jograis da *Academia de Cultura e Cooperação*, a cuja actuação não assisti, porque entretanto tinha chegado o *Grupo das Adufeiras de Idanha-a-Nova*, cuja vinda eu tinha organizado, pelo que tive de lhes dar atenção no exterior do auditório. Este grupo apresentou-se muito bem vestido e admirei a riqueza das saias das adufeiras, todas bordadas à mão e que passam de mães para filhas, algumas já com muitas dezenas de anos. O grupo estendeu a sua actuação por mais de uma hora, mas não foi manifestada qualquer impaciência por parte dos nossos colegas; antes pelo contrário: as cantigas, os adufes e o som dos cavaquinhos e da viola a todos animaram.



Para terminar, teve lugar a habitual serenata pelo Grupo "*Porta Férrea*".



Já não fazendo parte do programa do aniversário, seguiu-se a apresentação do livro "*Museu Académico de Coimbra – Evolução Histórica, Coleções e Propostas de Actualização*", cujo autor é o jovem Rui Lopes, membro da Direcção da AAEC em Coimbra e do Museu Académico de Coimbra.

Após a apresentação do livro, seguiu-se um agradável lanche, com o habitual bolo de aniversário comemorativo dos "jovens" 22 anos da Associação.

Maria Isabel Soares da Costa

# “COIMBRA, P’RA SER COIMBRA”

Zé Veloso



Diz-se que «Coimbra, p’ra ser Coimbra, três coisas há-de contar: guitarras, tricanas lindas, capas negras a adejar.» Quem o diz é uma das quadras do chamado Vira de Coimbra, uma canção de raiz popular – mais tarde apropriada pelos estudantes – cujas origens são anteriores ao século XVIII. A sua música, para além de ser dançada como vira de doze, servia igualmente para cantares ao desafio entre as gentes da cidade, fossem eles estudantes, futricas ou, até, tricanas. Por tal razão, o Vira de Coimbra é uma canção com quadras soltas de várias épocas, por vezes improvisadas no calor do descante e algumas delas contradizendo-se entre si, como acontece com as que classificam de forma tão díspar o “amor do estudante”.

Com tal paternidade, a afirmação acima tem mesmo de estar certa, pois nada melhor do que um saber de experiências feito, no meio de danças,

copos, mulheres e brigas, para caracterizar uma Coimbra académica que, no imaginário de tantos, terá sempre de ser boémia, apaixonada e vibrante. «Coimbra p’ra ser Coimbra» tem mesmo de ser assim!

Até porque a quadra soa bem, que diabo! Desde logo e a abrir, um número cabalístico – «três coisas»! A seguir, as «guitarras» – românticas, vibrantes, pungentes, nas mãos jovens e apaixonadas de um estudante – com o único senão de, como regra, os grandes guitarristas de Coimbra terem sido futricas ou antigos estudantes; adiante... Depois, as «tricanas lindas», essa estirpe de mulher onde nunca foi descrito um só exemplar que não fosse belo. E, por fim, as «capas negras», cor da tristeza e da morte que, paradoxalmente, quando postas «a adejar», irradiam a alegria da nossa juventude, da nossa Coimbra académica de sempre!

O curioso, porém, é que esta tríade – guitarras, tricanas lindas e capas negras – pouco tempo coexistiu ao longo dos 530 anos de permanência da Universidade em Coimbra. Não terá ido além de umas décadas, não chegando, porventura, a meio século.

## DAS GUITARRAS...

Começemos pelas guitarras. É sabido que desde muito cedo os estudantes cantaram pelas ruas de Coimbra, sozinhos ou acompanhando os seus habitantes. Eram cantos de saudade e de amor, bem como cantigas populares. É também sabido que, nesses cantares, normalmente nocturnos, os estudantes se faziam acompanhar por instrumentos vários, entre os quais cordofones, mas não necessariamente por

guitarras, já que estas só viriam a aparecer em Coimbra pelo século XIX, seja na sequência da entrada em Portugal da guitarra inglesa, como admite a maioria dos autores, seja através da evolução da cítara lusitana, a guitarra-cítara. Mas a guitarra nunca foi um instrumento querido da cidade e dos seus estudantes até à época do malogrado Augusto Hilário, que estudou em Coimbra entre 1889 e 1896, vindo a falecer de tuberculose antes ainda de terminar o curso de Medicina. Foi ele a primeira grande referência de estudante tocador de guitarra e cantor de Coimbra. Ainda que celebrizado pela sua voz, o seu nome ficaria para sempre ligado ao seu instrumento de eleição: «Eu quero que o meu caixão tenha uma forma bizarra... a forma de um coração, a forma de uma guitarra!...»

Para o comum dos mortais, a guitarra que por aquele tempo se tocava em Coimbra, bem como no resto do país, pouco diferiria das de hoje. Mas, para os mais conhecedores, as diferenças existem e são bem grandes. Foi nas décadas de 20 e 30 do século passado que Artur Paredes, um guitarrista exímio, futrica como o eram os melhores guitarristas de Coimbra daquela época, revolucionou o instrumento, alterando-lhe significativamente a fisionomia (e, também, a forma de o tocar). Primeiro, com a ajuda da pequena oficina de Raul Simões, guitarreiro de Coimbra; depois, em parceria com os guitarreiros de Lisboa Kim Grácio e João Pedro Grácio, Artur Paredes veria surgir, por volta de 1940, um modelo de guitarra com uma nova sonoridade, que aos poucos ganharia o seu espaço e que é hoje adoptada pela quase

generalidade dos grandes guitarristas portugueses. Na prática, a guitarra de Coimbra tornou-se a guitarra portuguesa. E o ensino da guitarra que, no meu tempo de estudante, estava a cargo do barbeiro da AAC, tem hoje em Coimbra escolas e professores com fartura... e até as raparigas já aprendem a tocar o instrumento.

#### DAS TRICANAS LINDAS....

Quando o valor da nova guitarra de Artur Paredes foi finalmente reconhecido em Coimbra, na sequência da sua aparição numa serenata na Sé Velha em 1945 (embora futrica, Paredes tocava igualmente no meio académico sendo aceite como um dos seus), já as tricanas tinham deixado de ocupar, na vida dos estudantes, o espaço que tão bem tinham sabido reservar para si durante quatro séculos.

Mas quem eram elas, afinal? De uma forma geral, as tricanas eram as mulheres da classe baixa da terra: mulheres do campo, lavadeiras, engomadeiras, criadas de servir. Não só em Coimbra se chamavam assim. Também em Ílhavo, Aveiro, Águeda havia tricanas. Curiosamente, tricana era também o nome dado à saia que usavam e ao pano de que era feita essa saia.

Entre as tricanas havia muita rapariga nova e bonita. À falta de raparigas, numa terra onde havia uma população flutuante de milhares de rapazes solteiros que estavam fora de casa meses e meses a fio, fácil é de perceber que nenhuma delas chegasse a ser feia. O cortejar dos rapazes era constante, «namoriscando as moças com palavras latinas»; moças simples, à procura de sonhos e melhores condições. Com o tempo, as tricanas foram realçando os seus encantos naturais; de geração em geração, o contacto com gente mais culta, permitiu-lhes algum refinamento e sofisticação. Algumas tornaram-se verdadeiras cortesãs. Outras acreditaram, simplesmente, que um amor verdadeiro e um futuro melhor as esperaria no final de anos de promessas

doces e carícias ardentes. Terminados os cursos, ficavam por vezes os "rebentos" cuja paternidade faziam questão de não esconder. Li algures que futrica – um nome que fede à distância – seria uma corruptela de fitrica, sendo fitrica uma abreviação de filho de tricana. E mais não digo. Quereis saber o porquê dessa animosidade ancestral entre estudantes e futricas? Cherchez la femme!

Um belo dia, algo começa a mudar. Numa Universidade onde até então não se formara uma única mulher, Domitília de Carvalho forma-se em Matemática e Filosofia, nos finais do século XIX e, no início do séc. XX, é a primeira mulher a formar-se em Medicina. Domitília esteve sozinha durante cinco anos mas o seu exemplo foi seguido a partir de 1896/97. Entre este ano e 1911/12 o número de alunas por ano vai variando entre 3 e 8. A partir daí, o seu número não pára de aumentar. E, no início da década de 40, rondava já os 20%. A pouco e pouco, as tricanas foram deixando de ser tão lindas... Como dizia o poeta, «todo o mundo é composto de mudança».

#### DAS CAPAS NEGRAS...

Quando D. João III transferiu definitivamente a Universidade para Coimbra, já a capa negra fazia parte da indumentária dos escolares, embora o traje fosse diferente do de hoje. As capas negras vêm, por isso mesmo, de tão longe quanto as tricanas mas, ao contrário destas últimas, conseguiram renascer das cinzas das duas vezes em que estiveram moribundas no passado século XX.

No meu tempo, a utilidade da capa era tremenda! Repetindo o que escrevi há já alguns anos sobre a capa e batina e a Queima das Fitas, «logo quinta-feira à noite, em plena Serenata Monumental, a capa traçada nos defendia do frio cortante das velas convergentes na Sé Velha. Na noite de sábado, eram os colarinhos à bife e o laço espichado que nos permitiam entrar no baile de

gala, capa pelos ombros, disfarçando a batina ainda amarrotada dos apertos da coxia do Teatro Avenida, onde, na noite de sexta, tivera lugar o Sarau. E era com esta mesma indumentária que corríamos à garraizada de domingo. E a mesma capa que servia de manta na praia e servia depois para atizar o touro, logo na segunda-feira, escorrida pelos ombros, conferia um ar grave e paternal aos quintanistas que vendiam as pastinhas, acompanhados das meninas do Dr. Elísio de Moura. Finalmente, depois de bem pisada nos relvados do Parque da Cidade, servindo de enxerga aos corpos já cansados no final de cada dia, era ainda aquela capa, mil vezes ao ar atirada, o ex-libris do cortejo de terça-feira, enquanto as batinas se travestiam de fraques nos corpos dos cartolados, antecipando-lhes um futuro de prosperidade.»

Hoje, porém, para aqueles que se limitam a vestir a capa e batina nos dias em que é suposto "trajar" e tirar umas fotos para meter no Facebook, a capa é um estorvo que até confrange ver. Não tendo ali à mão um manual de instruções, desfilam hirtos pela calçada, de capa caída até aos pés, como se estivessem na Sala dos Capelos, ou optam por colocar a capa dobrada no braço, como se fosse uma toalha, à "criado de café", não vá a capinha amarrotar-se e as dobras perderem o vinco... Perdoai-lhes, Senhor, que estes nunca chegarão a saber o que é isso de «capas negras a adejar».

Mas as capas negras nem sempre foram do agrado da Academia, não falando já do período que se seguiu à crise de 1969. De facto, desde o final do séc. XIX até ao início dos anos 20 do século passado, a capa e batina não só foi muito contestada como o seu uso foi aviltado. Não tenho notícia de que alguma vez a capa tivesse tido uma cor diferente da preta mas o mesmo não aconteceu com os coletes, as calças ou as gravatas. Aliás, a contestação à obrigatoriedade do uso do traje dentro do perímetro universitário

era de tal maneira forte, que o uso da capa e batina foi tornado facultativo apenas 19 dias depois de instaurada a República!

E, como corolário da baixa estima em que as capas negras eram tidas por essa

altura, aqui fica o registo da primeira quadra do "Vira de Coimbra" gravado por Lucas Junot para a Columbia em Maio de 1927, onde «um estudante a cantar» aparece em lugar das «capas negras a adejar».

*Coimbra, p'ra ser Coimbra  
Três coisas há-de contar  
Guitarras, tricanas lindas  
E um estudante a cantar.*

## “25 DE ABRIL- 40 ANOS DEPOIS”

De 29 de Maio de 2014

*Cor. Costa Braz*

*A pedido da Direcção, o nosso Associado Coronel Manuel da Costa Braz permitiu-nos registar esta efeméride com um testemunho ao vivo do que, na sua óptica, foi o "25 de Abril".*

Caros colegas

Este era e julgo que será o cabeçalho preparado para publicar no CAPA E BATINA referência ao evento.

Mas reconheci a existência de alguma dificuldade da nossa estimabilíssima Presidente da Direcção ou de quem quer que fosse em sintetizar uma demasiado extensa preleção. Afora a natureza do conteúdo.

Há uns meses a Fátima disse-me da intenção de assinalar, no âmbito da Associação, a passagem dos 40 anos do 25 A. Achei bem. E convidou-me a ser o palestrante. Achei mal, mas considerei a razoabilidade natural do convite e, além do mais, tenho dificuldade em dizer NÃO, mesmo justificando (que já sucedera uma vez a propósito da Alta Autoridade Contra a Corrupção) a quem tão devotadamente se dedica a esta Associação.

Vencendo as relutâncias para que propendia, aceitei o convite. E agora confronto-me eu com as dificuldades que acima referi. E ponderei a questão nas suas vertentes essenciais: a forma e o conteúdo.

Ora, nos OCS do primeiro semestre deste ano proliferaram em tsunami notícias e descrições de iniciativas, colóquios, simpósios, conferências, edições com pretensões de documentação para-histórica, etc. suscitadas pela "data redonda" em comemoração. Para quem esteve interessado não houve falta de informação, lamentavelmente com rigor variável. Donde que estivemos, na Associação, perante uma pequena mas meritória réplica.

Para além disso tive em conta:

- que a Associação é, no meu entender, um espaço de confraternização e de convívio, com obtenção e permuta de conhecimentos e o lembrar da ambiência coimbrã e não de polémicas a que o tema facilmente conduz ainda hoje;
- que o auditório esperável seria maioritariamente do meu nível etário, mais ano, menos dez anos...!

Portanto com vivência dos factos, substituí aqui de mais detalhadas descrições, resultando nuns satisfações conceptuais e/ou por melhorias obtidas, noutros em desconfortos nos mesmos campos ou por alteração de situações cómodas, que uma mudança drástica, que aconteceu, sempre acarreta.

E conseqüentemente a reacções e aceitabilidades potenciais variadas. Todos sabemos, e lá o referi, que os mesmos factos são susceptíveis de apreciação diferenciada conforme a estrutura intelectual do apreciador, mesmo que historiador - e citei como possíveis exemplos contemporâneos Rui Ramos, Fernando Rosas ou Veríssimo Serrão.

Resolvi aceitar, devo dizer que até hoje em caso único e previsivelmente não repetível mas, encarando os riscos, optando por fazer um relato auto-biográfico, descritivo, factual e não analítico das motivações da minha participação na preparação, realização e evolução do "25 Abril de 1974", coisa que só tenho confiado, reconheço que com mais detalhe, ao disco do computador na pasta "PARA MEMÓRIA FUTURA" em desabafo sobre recordações relevantes e para conhecimento exclusivo da descendência.

As condicionantes da natureza da matéria, do universo de leitores e do espaço aqui disponível sempre conduziriam, por imperativos de síntese, à forte probabilidade do surgimento de omissões passíveis de interrogação sobre a causa, de afirmações contestáveis sem oportunidade e viabilidade de esclarecimento e contraditório.

Além disso, penso que convêm comigo na feição intimista que a intervenção teve, dificilmente transponível para uma súmula impressa e precisa.

Não quero no entanto deixar de fazer uma prometida recordatória. Assim:

- Falei então do País de vida exígua e inaproveitado potencial da minha infância - o mesmo da generalidade dos presentes;
- da formatação mental que era pretendido recebesse;
- dos meus sete anos curriculares classificativos de ensino superior sem aberturas ao conhecimento de um exterior de ocorrências, ideias e geografias, onde vim a estar por dois acasos felizes - em que o pouco tempo foi alargado pela imensa curiosidade e vontade de conhecer;
- da minha ida voluntária para Angola em 1961 - chegando no dia imediato a fazer 27 anos - motivada pela informação orientada que foi feito chegar-nos e auto-exigências deontológicas profissionais;
- das amargas conclusões e profundas interrogações que trouxe dessa permanência assaz dilatada;
- das águas que já tinham corrido e entretanto foram correndo pelos rios do Mundo, mas particularmente no País e em África;

- da consolidação daquelas conclusões e interrogações nas "recapitulações" que fiz em Angola de novo e depois na Guiné;
- da imperdoável passagem da oportunidade proporcionada militarmente - objectivo racional exigível e cumprido - para o encaminhamento negocial que era genericamente aceite como o adequado;
- da minha recusa em ser parte de um Corpo a ser insultado e tido como bode expiatório das falências de outrem, a repetirem-se atitudes tais como as que já se haviam verificado a partir do final de 1961, aquando da invasão do então chamado Estado Português da Índia;
- de algumas acções preparatórias do 25 A;
- dos alicerces de um Estado democrático;
- da consolidação da Democracia.

Parei então, como agora, de acordo com o tema, no final de 1975, feitas que tinham sido as primeiras eleições livres em Abril desse ano, à minha responsabilidade, e se retomava, com a minha participação, o caminho que fora propiciado em 25 de Abril de 1974, factos indissociáveis dele e por isso aqui incluídos.

E considero também aqui satisfeita esta segunda parte da incumbência assumida.

Espero que nos encontremos na Tomada da Bastilha

Até lá, um abraço amigo e companheiro do Manuel da Costa Braz - 2014-10-08

ET: - Quis a nossa Presidente, na "apresentação do orador", ler o meu currículo - que eu peço para aqui não ser reproduzido -, com enorme generosidade e de certo maçada dos circunstantes: a quem porventura tiver muita curiosidade, eu sugiro a sua procura no omnisciente *Google*, chamando pelo meu nome e num blogue que assim é titulado - que não é da minha iniciativa mas tem a minha autorização;

- Sob o signo da *informação*, e dentro da temática, sugiro igualmente o *Google* para conhecer o texto "O Movimento, as Forças Armadas e a Nação", ou "Documento de Cascais", que escrevi com Ernesto Melo Antunes, e o Programa do Movimento das Forças Armadas, em cuja feitura também participei e cuja releitura é sempre útil à formação de juízos acerca da matéria.

- O Expresso, há uns tempos atrás, fez-se acompanhar de uma, penso que insuspeita, biografia de Salazar, da autoria do historiador Filipe Ribeiro de Meneses. O VI volume é particularmente interessante para o conhecimento do País, no Continente e em África, neste período ainda recente da nossa história.

Seguem uns versos alusivos à efeméride, da autoria do nosso Associado António Boavida Pinheiro: *Ro imodi nobitatet et latemqui doluptia doluptae nis sitatibus,*

### "25 de Abril..."

*Pois foi nessa madrugada,  
Se ouviu..., "depois do adeus"  
Que era a senha da "abrilada"  
A que a tropa obedeceu...*

*A missão era arriscada,  
Mas ninguém esmoreceu,  
E depois de iniciada  
Todo o povo entendeu...*

*Eis chegada a liberdade,  
E a censura nunca mais,  
Nem PIDES, nem Tarrafais...*

*Sentimento de verdade,  
Que toda a gente queria,  
Chegou a democracia...*

# “JORGE AMADO, UM ROMANCISTA COMPROMETIDO COM O POVO, O BRASIL, O FUTURO<sup>1</sup>”

18 de Junho de 2014

Vania Pinheiro Chaves (CLEPUL-Universidade de Lisboa)

Jorge Amado é, sem sombra de dúvida, o mais popular escritor brasileiro de todos os tempos dentro e fora das fronteiras nacionais. Com uma vasta obra publicada em 52 países e traduzida em 48 idiomas, já vendeu, só no Brasil, mais de 20 milhões de exemplares. Este sucesso acompanhou todo o percurso criativo de Jorge Amado, estendendo-se até hoje. Adaptadas para a rádio, a televisão, o cinema e o teatro, no Brasil ou no Exterior, muitas de suas histórias têm chegado ao conhecimento até de iletrados e de indivíduos sem meios para a compra de livros. A influência da obra amadiana sobre o romance neorrealista português e sobre a narrativa libertária dos Países Africanos de Língua Portuguesa reforça-lhe a dimensão universal.

Ao longo do tempo, a crítica nacional e estrangeira tem reconhecido os méritos do escritor baiano, que foi agraciado com diversos prêmios e honrarias, entre os quais a eleição para a Academia Brasileira de Letras, em 1961, e o Prêmio Camões, outorgado em 1995. No entanto, há quem não valorize o seu contributo para a renovação do romance brasileiro. Como apontou Ana Maria Machado<sup>2</sup>, isto se deve ao fato de procurar-se na ficção amadiana aquilo que ela não pretende oferecer. Assim, há quem o acuse de desleixo na linguagem, o que é tanto mais estranho quanto o registro oralizante dos falares brasileiros é, em geral, louvado como projeto literário funda-



mental do período modernista em que Jorge Amado se insere. Nesse campo, como noutros, o criador de Gabriela realizou uma experiência pioneira e conseguiu, desde os primeiros livros, recriar a fala coloquial e a popular brasileiras com tanta naturalidade que, talvez, por isso a revolução que produziu tenha passado despercebida.

A importância de Jorge Amado radica, igualmente, no protagonismo que o povo ganha na sua obra. Com clara consciência do que isto significava, Mário de Andrade lamentou que os primeiros modernistas estivessem tão preocupados com descobrir o Brasil neles mesmos que se esqueceram do povo brasileiro. A tarefa de representá-lo coube aos escritores nordestinos de 30, entre os quais sobressai Jorge Amado, que a assumiu explicitamente, no Discurso de sua posse na Academia Brasileira de Letras:

*meu único compromisso, dos meus começos até hoje, e, espero, certamente até a última linha que venha a escrever, tem sido com o povo, com o Brasil, com o futuro. Minha parcialidade tem sido pela liberdade contra o despotismo e a prepotência; pelo explorado contra o explorador; pelo oprimido contra o opressor; pelo fraco contra o forte; pela alegria contra a dor; pela esperança contra o desespero, e orgulho-me dessa parcialidade.<sup>3</sup>*

Convencido de que as relações entre o escritor e o povo devem ser de perfeita intimidade e que o conhecimento necessário ao romancista para recriar gente, paisagem e vida não pode resultar da observação fria e prudente ou de apontamentos por mais minuciosos e extremos, Jorge Amado afirma só saber trabalhar a realidade que conhece, por tê-la vivido, e declara ser ficcionista de dois únicos temas: “as terras do sem

fim do cacau, a vida popular da cidade da Bahia"<sup>4</sup>. O que está parcialmente correto, pois a sua vida, obra e terra natal prendem-se por um laço apertado.

Convicto, outrossim, de que há, em toda a sua obra, uma unidade derivada da permanente "posição do autor ao lado do povo", o autor de *Jubiabá explica que a mudança que nela ocorreu resulta da substituição da busca do herói (líder ou dirigente político), pela do anti-herói e confessa ser, "sobretudo, um romancista de vagabundos e putas... e trabalhadores"<sup>5</sup>. Escrevendo preferencialmente sobre eles, Jorge Amado revelou uma enorme capacidade de fazer ver não só a miséria a que estão sujeitos os pobres, as mulheres, os mestiços ou negros, mas também as alegrias simples da gente humilde e suas belas histórias de amor.*

Outro traço de união evidente na obra amadiana é a grande importância da intriga, o que explica que o escritor se tenha definido como um simples contador de histórias. E, na verdade, é um excelente inventor e articulador de peripécias, um hábil organizador dos diversos fios da ação, que se vai complexificando de livro para livro. Em contrapartida, não se interessa por análises psicológicas aprofundadas e não é atraído pelo artesanato linguístico, pois sua meta principal é escrever para o povo. Isto o levou não só a colocá-lo no centro da ação romanesca, mas ainda a empregar uma linguagem coloquial, marcada pela oralidade. Mantendo-se fiel à sua essência, as criações amadianas passaram, no decurso do tempo, por mutações formais e te-

máticas, sendo comum a crítica divididas em dois subconjuntos: o primeiro – tendo como balizas *O País do Carnaval* (1931) e *Os Subterrâneos da Liberdade* (1954) – abarca os textos publicados entre as décadas de 1930 e 1950; o segundo, inaugurado por *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), inclui as narrativas que se lhe seguiram.

Escritas quando o autor era membro do Partido Comunista Brasileiro, as obras da primeira fase refletem o momento histórico em que foram criadas e que se caracteriza, tanto no Brasil como no Exterior, pelo aprofundamento da consciência social e pelo desejo de participação política. Engajado, Jorge Amado evitou, porém, tornar-se panfletário e permaneceu acima de tudo romancista, pois é na concretude das histórias que se evidencia a sua ideologia.

Os romances amadianos da segunda fase se caracterizam por uma mudança de tom, pelo aprofundamento do olhar e pela secundarização da problemática político-econômica em favor da observação e crítica dos costumes. Jorge Amado mostra nessas obras novo entendimento da sociedade brasileira, que deixa de ser vista simplesmente como palco duma luta inevitável entre explorados e exploradores. Seus protagonistas prediletos são malandros e rebeldes, que amam acima de tudo a liberdade e cuja característica principal consiste na sabedoria com que enfrentam os opressores e as agruras do cotidiano. A análise dos problemas de classe é substituída por questões de etnia e gênero, bem

como pela denúncia de outras formas de dominação na sociedade brasileira. O lirismo permanece, mas a comicidade, o picaresco, o grotesco e a paródia se tornam os suportes da sátira social. Ampliam-se o universo temático e a galeria de personagens, que passa a incluir outros grupos populacionais, a par com divindades do candomblé. Outras novidades são o protagonismo das mulheres e a intromissão do romancista nos textos, dialogando com personagens e leitores. Característica importante dessas narrativas é o erotismo, que Jorge Amado considera uma "arte para fazer a vida feliz". Tendo tratado o sexo com intensa alegria e ousada dignidade, muitas das prostitutas das obras desse período não são mulheres desgraçadas e, se têm um passado trágico, parecem continuar naquela vida porque querem. Para além das diferenças apontadas, é possível perceber uma profunda unidade nas obras de Jorge Amado, unidade que advém do surto de idealismo e esperança que as percorre. Ainda que miseráveis e desgraçadas, as personagens amadianas acreditam num futuro melhor e reagem como podem, não se deixando abater pela adversidade. Por outro lado, o criador de Gabriela dá continuidade ao interesse permanente da literatura brasileira pela identidade nacional, sustentando a ideia de que a sua essência reside na miscigenação.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Fragmentos reformulados do ensaio «Fábulas para acender a esperança. A utopia na obra de Jorge Amado», publicado em *Meridianos Lusófonos. O Prémio Camões, 1989-2007* (org. Petar Petrov), Lisboa, Roma, 2008, p. 101-127

<sup>2</sup> Ana Maria Machado, *Romântico, sedutor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2006.

<sup>3</sup> Jorge Amado, *Discursos*, Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1993, p. 20.

<sup>4</sup> Jorge Amado, *Navegação de cabotagem. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*, São Paulo, Círculo do Livro, s/d., p. 393

<sup>5</sup> Jorge Amado, "É preciso viver ardentemente" (entrevista) in *Jorge Amado. Literatura comentada* (sel., notas e estudo de Álvaro Cardoso Gomes e Sonia Regina Rodrigues Neves) 2 ed, São Paulo, Nova Cultural, 1988, p. 50 e 51.



## CÁ DENTRO

# FIM-DO-ANO E RÉVEILLON EM TAVIRA

30 de Dezembro de 2013  
a 1 de Janeiro de 2014

*José Afonso Leitão*

Na sequência do acontecido nos anos anteriores a Associação promoveu em 2013 uma viagem de Fim de Ano e respectivo Réveillon, desta vez em Portugal, em Tavira. O início da viagem, no dia 30 de Dezembro teve, como habitualmente, a concentração inicial atrás da Cidade Universitária às 9H15m, com saída 15m depois para os 52 participantes.

Trocadas as primeiras saudações entre os presentes, uns desconhecidos e outros mais ou menos íntimos de realizações, encontros e viagens, da Associação, a viagem até aos arredores de Arraiolos, primeira paragem programada, correu sob bom tempo, com sol.

Nos arredores de Arraiolos visitámos a Aldeia da Terra, uma original exposição permanente, que mais parece uma banda desenhada a três dimensões, em barro, composta por milhares de pequenas esculturas, que ocupam uma área de 3.000 metros quadrados, a céu aberto, e que está em crescimento diariamente.

A Aldeia da Terra, localizada na Quinta das Canas Verdes (Estrada das Hortas) está aberta 365 dias por ano, entre as 10h00 e as 18h00. É um projecto classificado de Interesse Cultural pelo Ministério da Cultura, da autoria dos artesãos Tiago Cabeça e Magda Ventura, e do seu atelier de artesanato contemporâneo, a Oficina da Terra, que há mais de 14 anos vem acumulando prémios e distinções.

As peças são elaboradas pelos próprios e à vista de todos e até as crianças de visita podem experimentar, no barro, criar a sua, com a ajuda dos artesãos e dos pais, e levá-la para casa.

Nesta Aldeia da Terra há de tudo. Casas grandes e pequenas, lojas de comércio, táxis, ambulâncias, hospitais e tudo o resto que se encontra numa aldeia de verdade.

Uma das últimas contagens indicava que nesta localidade



colorida há cerca de 1250 personagens, 300 casinhas de várias cores e feitios e ainda um parque automóvel de barro com cerca de 150 viaturas. Os adereços, esses já são mais de 2000 e continuam a crescer.

As esculturas de barro pintado já ultrapassaram as portas da aldeia e as de região de Arraiolos. Existem exemplares ali criados espalhados por todo o Mundo e até a Selecção Nacional de futebol tem uma reprodução em barro exposta na sede. A possibilidade de encomendas é outras das vertentes dos seus criadores que, mediante o envio de fotografias, criam esculturas com 30 centímetros de altura, perfeitas para presente ou para perpetuar a figura de cada um em barro cozido.

Após a visita à Aldeia da Terra dirigimo-nos a Arraiolos, ao Restaurante Alpendre, para o necessário e, nessa altura, já desejado, almoço...

Após o almoço foi a partida para Tavira. Viagem calma, com tempo agradável, com parte inicial do percurso por estradas alentejanas do interior.

A chegada a Tavira e ao Hotel Vila Galé Tavira ocorreu já ao fim da tarde. O hotel está situado a poucos metros do Rio Gilão e da Ria Formosa, a dois passos do centro de comércio e de esplanadas de Tavira, no centro da cidade. Inaugurado em 2002, o Hotel Vila Galé Tavira dispõe de 268 quartos e disponibiliza serviços de animação e de gastronomia e áreas públicas de grande dimensão. No seu interior foi recriado um ambiente árabe, fazendo alusão ao passado do sul de Portugal.

Após o check-in no hotel – aliás bastante rápido e facilitado pelo prévio fornecimento dos dados dos participantes pela Agência Abreu – seguiu-se o jantar e a merecida dormida para retemperar forças e preparar para o dia seguinte...

No dia 31, após o pequeno almoço no hotel, seguiu-se a par-

tida para Estói. Aqui chegados houve tempo para um pequeno passeio pelo centro histórico da vila

Estói é uma vila histórica encantada, escondida num Algarve que não corresponde ao ideal de praia, estâncias turísticas e golfe. Os mais antigos vestígios arqueológicos encontrados na freguesia remontam ao Neolítico. Na época romana, mais precisamente no século I, fixou-se, nas imediações da actual aldeia de Estoi, uma importante família proveniente de Ossónoba, que aí edificou uma grande casa agrícola. No século III, a "villa" foi substancialmente aumentada e, na centúria seguinte, construiu-se ao lado da mesma um Santuário, transformado no século VI em templo paleocristão. Provavelmente manteve idênticas funções no período visigótico e árabe. O núcleo histórico fica adossado à antiga residência senhorial de veraneio da família Carvalhal e Vasconcelos, a mais relevante manifestação do Romantismo no Algarve, vulgarmente conhecida por Palácio de Estói, e incorpora parte da área de protecção deste imóvel.

Após a visita a Estói fomos até à Pousada de Faro, também em Estói, onde tivemos a oportunidade de visitar a pousada e almoçar.

A Pousada do Palácio de Estói, nasceu a partir da recuperação de um antigo Palácio do século XVIII. De estilo Rococó, o Palácio pertenceu a José Francisco da Silva, personalidade local que, graças ao dinheiro e esforços que despendeu na sua construção, foi feito Visconde de Estói. Em 1987, foi comprado pela Câmara Municipal de Faro e, em 1977, considerado imóvel de Interesse Público.

Após o almoço saímos, como agendado, para, poucos quilómetros decorridos, uma visita às Ruínas de Milreu.

As ruínas romanas de Milreu revelam uma ocupação continuada desde o século I e até ao século XI. Mostram os vestígios de uma vila romana do século III constituída por uma grande casa senhorial, instalações agrícolas, balneário e templo. Uma das características desta estação arqueológica, são os mosaicos, com formas geométricas fitas entrançadas, faixas de óvulos, arcos, nós entrançados, gavinhas, flores e desenhos de xadrez, nas termas há mosaicos com peixes.



Foram postos a descoberto em 1877 pelo arqueólogo Estácio da Veiga e classificadas como Monumento Nacional em 1910. Finda a visita às Ruínas de Milreu regressámos ao Hotel Vila Galé Tavira com tempo livre ainda suficiente para descansar no hotel ou passear pelos arredores.

À noite... o momento esperado! Preparação para o Réveillon, com as colegas – et pour cause ... -- mais sofisticadas, e os colegas que lá tiveram a oportunidade de, nestes tristes tempos de aposentação e reforma, voltarem a vestir os seus uniformes de casaco e gravata!!!

Iniciámos a saída de 2013 e a entrada de 2014 com um serviço de cocktail e aperitivos, seguido de um jantar e ceia. Pelo meio, muita animação, ambiente alegre entre o nosso grupo e outros que também por lá se encontravam, os desejos de Bom Ano, muita dança com mais ou menos mexe e remexe e início do Novo Ano sem motivos aparentes de indisposições de ninguém...

No dia 1 do Novo Ano foi para alguns a ressaca de uma noite sempre especial, umas horitas a mais de sono para alguns e, para outros, ainda a oportunidade de visitar a zona central de Tavira, nomeadamente o antigo mercado que, como o de Campo de Ourique ou da Ribeira em Lisboa e outros por esse País fora estão agora transformados em centros de convívio com esplanadas diversas, restaurantes mais ou menos típicos, lojas de artesanato local, etc.

Após o brunch no Hotel Vila Galé Tavira foi o regresso a Lisboa. Viagem sem história, apenas mais vivaça quando um ou outro se lembrou de contar algum episódio mais picaresco das nossas existências marcadas pela malandrice coimbrã ou por uma ou outra anedota mais sugestiva...

Chegados a Lisboa ao fim da tarde, foram as despedidas e a saída da maior parte dos participantes em Entrecampos junto à parte norte da antiga Feira Popular. Os restantes, muito poucos, saíram no local do início da viagem, nas traseiras da Reitoria da Cidade Universitária.

Até para o Ano!!!



CÁ DENTRO

# PASSEIO DA PRIMAVERA – FIM DE SEMANA NO ALENTEJO

CASTELO DE VIDE / MARVÃO / PORTALEGRE / ALTER DO CHÃO /  
ÉVORA / BARRAGEM DO ALQUEVA

13 a 15 de Junho de 2014

*"Tito" Costa Santos*



A partida, marcada para as 09h00, em ponto, do dia 13 de Junho, teve de ser atrasada por motivos imponderáveis, mas que não tiveram qualquer interferência na Viagem, ótima, até Castelo de Vide. De referenciar, apenas, uma paragem "técnica" numa área de serviço e o avistamento, já perto de CASTELO DE VIDE, de uma bem conservada Anta (ou Dólmen).

Após a chegada ao "politicamente conhecido" Hotel Sol e Serra e a respetiva instalação, seguiu-se o Almoço, que foi muito apreciado, constituindo o primeiro sinal positivo deste Passeio. Após o Almoço fomos visitar o Museu de Arte Sacra, sito na monumental Igreja de Santa Maria, a principal de Castelo de Vide e uma das maiores do Alto Alentejo. O Museu, constituído

por muitas e variadas Imagens, oriundas das Igrejas e capelas do concelho de Castelo de Vide, aqui reunidas para escapar ao assalto ao espólio religioso que tem assolado o País, cumpre cabalmente a sua missão e constitui uma notável e eficiente obra de salvaguarda do património artístico e religioso.

Seguiu-se uma visita à Judiaria e respetiva Sinagoga, recuperada com o apoio dos Judeus portugueses, à lindíssima Fonte da Vila, "ex-libris" de Castelo de Vide, e a toda a parte mais antiga desta Vila.

Partimos depois para MARVÃO, uma das mais notáveis vilas amuralhadas do País, sentinela secular de Portugal sobre a Espanha! O tempo parou nesta Vila que, consta, até às Lutas Liberais, já no século XIX, nunca foi conquistada pela força das armas e, mesmo assim, por traição de um sargento.

Alcandorada a cerca de 900 metros de altitude, nela se podem ver muitas casas com o traço medieval e um Castelo magnífico, dos maiores e mais bem conservados do País, que deixou espantados os poucos que se aventuraram no seu interior. Consta já aqui ter existido um Castro pré-histórico, mas foi um mouro chamado MARUAN, senhor de Badajoz, que a fundou, passando ao domínio português no reinado de D. Afonso Henriques, que a

mandou reforçar nas suas defesas, com uma barbacã, na parte mais acessível das suas muralhas. Foi, porém com D. Dinis que o Castelo tomou a sua forma atual.

Para se prover à sua povoação, foi "couto de homiziados", ou seja, local para onde eram enviados condenados por crimes graves ou onde se refugiavam os fugidos à Justiça.

Foi seu Senhor o Infante D. Henrique, orgulhando-se Marvão de ter recebido como "Juiz de Fora" o insigne Jurista Mousinho da Silveira, natural de Castelo de Vide, ainda hoje um dos maiores vultos da Justiça Portuguesa.

Voltámos, depois a Castelo de Vide, onde jantámos e dormimos no já referido Hotel Sol e Serra.

Dia 14, logo pela manhã, rumámos a PORTALEGRE.

O autocarro deixou-nos junto à Casa Museu de José Régio, o antigo estudante de Coimbra, natural de Vila do Conde, mas que viveu em Portalegre desde 1929, onde foi professor liceal e onde, praticamente, fez quase toda a sua vasta obra literária (poesia, romance, drama, ensaio, etc.). A visita guiada foi tão pormenorizada que não é possível comentá-la. No átrio, uma lápide anunciava anterior visita da nossa Associação, no início dos anos 90 do século passado e, os que de nós então aqui estivemos, não deixámos de recordar o Francisco de Vasconcelos, que então recitou a "Toada de Portalegre", de José Régio. Pois também agora o nosso associado Conselheiro Dr. José António Mesquita nos deliciou, recitando a "Toada de Portalegre", tendo sido vibrantemente aplaudido por todos nós!!!

São momentos como este que, os que os vivemos, nunca esquecerão!!!

Seguiu-se um passeio a pé pela Cidade, passando por vários Palácios e pela vetusta Sé Catedral, terminando no "Museu da Tapeçaria – Guy Fino", que visitámos demoradamente. Para além de uma visita guiada, visionámos um filme sobre a história das Tapeçarias



de Portalegre, onde se viu o Poeta José Régio e outras personalidades, nomeadamente Artistas Plásticos.

O Almoço, servido no Restaurante Castro, foi muito bom, pelo que muitos anotaram o nome ou pediram cartões de referência para, em futuras visitas, o incluírem nos seus planos. Foi um autêntico lenitivo para o calor que então se fazia sentir, já a rondar os 39 graus!

E foi com este calor que partimos para a Coudelaria Nacional, em ALTER DO CHÃO.

Tivemos uma visita guiada muito agradável. Visitámos um grande estábulo com belos cavalos da raça Lusitana ou Alter Real, apreciámos e fotografámos na Casa dos Trens lindos trens e "charrettes" antigas, quase todos em muito bom estado de conservação e, por fim, fizemos compras na Loja.

Seguimos, depois, para ÉVORA, onde ficámos instalados no magnífico Hotel Mar D'Ar Muralhas, um 4 estrelas que a todos satisfez, dadas as suas boas instalações. Aí jantámos muito bem, após o que a competentíssima Guia que nos acompanhou, nos levou a um passeio noturno através da Cidade que a todos

encantou, pois Évora à noite tem um encanto muito especial.

No dia seguinte, 15 de Junho, após um lauto pequeno almoço, partimos para a BARRAGEM DO ALQUEVA, que é o maior lago artificial da Europa. Demos umas voltas até ao paredão e, depois, fomos almoçar ao Restaurante Amieira Marina, aliás um magnífico almoço, findo o qual embarcámos num Cruzeiro panorâmico ao longo da Albufeira do Alqueva. Apesar do intenso calor, sempre ia correndo uma aragem, pelo que foi um pequeno cruzeiro muito agradável, com magníficas e variadas paisagens.

No regresso a Lisboa, fizemos um pequeno desvio em Arraiolos para o Monte da Ravasqueira, que visitámos, terminando com uma prova dos vinhos da Casa que acompanhavam um saboroso pão alentejano, os queijos e os enchidos locais, na verdade muito saborosos. Dada a qualidade dos vinhos, os nossos Colegas vieram carregados com garrafas com destino certo!!!

E assim terminou este magnífico Passeio ao Alentejo, mais uma iniciativa da Direção da nossa Associação que, apesar do calor intenso, foi um êxito assinalável.

LÁ FORA

# VIAGEM A ISRAEL

12 a 20 de Maio de 2014

*Teodósio Salgueiro*



A excursão a Israel realizou-se de 12 a 20 de Maio. A chegada a Tel Aviv foi já na madrugada do dia 13, sendo a diferença horária de duas horas a mais em Israel. A unidade monetária é o *shekel* e 1 € é igual a cerca de 4,70 *shekeles*. Vamos relatar, tão sucintamente quanto possível, o que de mais interessante foi visto nesta viagem.

O percurso começou na manhã de 13. A primeira paragem foi em **Jaffa** que, praticamente, já está integrada na zona moderna de Tel Aviv. Para aqui veio Pedro e, depois, teve uma visão que o levou a fazer a primeira pregação dos

Evangelhos. Por isso, vimos a Igreja de S. Pedro.

Apontamos a seguir os locais que visitámos. **Cesareia** - foi construída por Herodes e assim chamada em homenagem a Octávio Augusto César. As ruínas foram restauradas e fazem hoje parte do Parque Nacional de Cesareia, onde se inclui o teatro, que é o mais antigo de todos os encontrados em Israel.

Fomos depois para **Haifa**, que é a terceira cidade do país, com 350 000 habitantes, e vimos a Igreja de Stella Maria.

**Acre** - é um porto marítimo do Mediterrâneo, que os cru-

<sup>1</sup> Constatou que, durante a nossa visita, alguém pediu a Jesus que fizesse agora o milagre da desmultiplicação dos cortes.

zados conquistaram e passaram a chamar-lhe S. João de Acre. A cidade foi o objecto da nossa visita, após o que seguimos para **Tiberíades** (os israelitas designam-na por **Tiberias**), que fica na **Galileia**, junto ao mar com o mesmo nome. Galileia vem do hebraico **Gal**, que significa ondas e a topografia desta região, formada por montes e vales, é, de facto, ondulada.

Tiberíades recebeu o nome do imperador Tibério.

**14 DE MAIO (2º dia)** – o percurso foi respeitante à história da vida de Jesus. Visitámos as seguintes igrejas:

Igreja octogonal das Bem-Aventuranças, mandada construir por Mussolini em 1937, e nela estão duas estolas oferecidas por dois Papas: uma por João Paulo II e outra por Paulo VI.

Igreja da Multiplicação em Tabgha, dedicada ao milagre da multiplicação dos pães e dos peixes.

Capela do Primado de S. Pedro, também em Tabgha, assinalando o lugar da terceira aparição de Jesus aos discípulos e a nomeação, por Ele, de Simão Pedro para liderar a Igreja primitiva.

**Cafarnaum** (os israelitas escrevem **Capernaum**) – é o local onde Jesus Cristo viveu nos últimos três anos, por ter sido rejeitado na sua própria cidade de Nazaré. Foi destruída pelos otomanos. Durante os quatro primeiros séculos, os cristãos de Cafarnaum eram todos de origem judia.

Seguimos para o kibutz Ein Guev, à beira do Mar da Galileia, onde existe um museu, no qual está um barco do tempo de Jesus, que foi encontrado há uns anos. Numa reprodução deste barco demos um passeio no mar. Nele içaram a bandeira de Portugal e cantámos o Hino Nacional.

Centro Nacional de Diamantes de Caprice – ouvimos uma pequena palestra e vimos um filme sobre diamantes.

**15 DE MAIO (3º dia)** – as visitas foram as que se seguem.

**Caná** – vimos a igreja franciscana, onde Jesus realizou o seu primeiro milagre público num casamento a que foi. Como se tinha acabado o vinho, Ele transformou a água, de um dos seis cântaros que lá havia, em vinho. Talvez por isso, os peregrinos vêm a esta igreja renovar os votos matrimoniais.

**Nazaré** – tem a Fonte de Maria e a Igreja da Anunciação. A primeira é, para os cristãos ortodoxos, o sítio onde o anjo Gabriel anunciou a Maria o nascimento de Jesus, mas, para os cristãos, foi na segunda que tal aconteceu. Há painéis de vários países no recinto da igreja, enquanto os de alguns outros, como Portugal e Brasil, estão dentro.

O arquitecto desenhou-a com o formato de um M (de Maria). A igreja foi inaugurada por Paulo VI em 1969.

No mesmo recinto e em frente está a Igreja de S. José, construída sobre a cova que foi a sua carpintaria. Segundo

o guia, José, ao contrário do que se diz, teria outro ofício, que não o de carpinteiro.

**Monte Tabor** – foi o último lugar da Galileia onde Jesus esteve. Uma semana depois foi crucificado em Jerusalém. Aqui há duas igrejas: uma ortodoxa grega e outra católica, que é a Basilica da Transfiguração, que está no lugar onde Jesus veio com Pedro, Tiago e João e se transfigurou aos olhos deles, com o seu rosto a resplandecer como o sol e as suas vestes se tornaram brancas como a luz, após o que apareceram Moisés e o profeta Elias. A basílica é de 1924, mas foi construída sobre as ruínas de outra da época dos cruzados.

**Rio Jordão – Yardenit** – este local situa-se onde o rio deixa o Mar da Galileia e é nele que muitos peregrinos se batizam. Segundo os quatro Evangelhos, aqui foi Jesus batizado pelo seu primo S. João Batista.

**16 DE MAIO (4º dia)** – saímos de *Tiberíades* para *Jerusalém*

A primeira paragem foi em *Jericó*, na Margem Ocidental e o guia não pôde entrar por ser israelita.

A fronteira é delimitada por uma cerca de arame, que não é eléctrica, mas electrónica. Significa isto que um toque nela não dá choque, mas emite um sinal para o posto de vigilância.

**Jericó** considera-se ser a cidade continuamente habitada mais antiga do mundo e está a 250 m., segundo uns, e 360 m., segundo outros, abaixo do nível do mar. Situa-se num oásis, pelo que se chama "Cidade das Mil Palmeiras".

Parámos ao lado do Monte das Tentações, onde Jesus jejuou durante 40 dias para resistir às tentações de Satanás.

**Mar Morto** (ou **Mar Salgado**, como lhe chamam os israelitas) – está 400m. abaixo do nível do mar e, devido à grande evaporação, o seu teor de sal é superior a 30%, ou seja, mais de 10 vezes o do Mar Mediterrâneo. Por isso, as pessoas não se afundam lá, antes flutuam.

**Qumran** – fica à beira do Mar Morto e a sul de Jericó. Aqui foram descobertos, em 1947, os Manuscritos do Mar Morto da seguinte forma: uma ovelha dum beduíno meteu-se numa gruta, ele atirou-lhe uma pedra e notou que tinha partido qualquer coisa. Entrou lá e verificou ser uma jarra de barro, na qual estavam os manuscritos. Estes tinham sido escondidos pelos essênios que aqui viviam, ao aperceberem-se que os romanos se aproximavam.

Visitámos o sítio arqueológico de Qumran e vimos réplicas dos manuscritos, pois os originais, em pele de carneiro, estão no museu de Israel. Neles são descritas as primeiras escrituras do Antigo Testamento e regras sociais de convívio.

**Monte das Oliveiras** – há a Capela da Ascensão e a de Maria Madalena. A primeira assinala o local onde Jesus ressuscitado se despediu dos seus discípulos, depois de se encontrar com eles 40 dias após a crucificação e, dentro, há

uma pegada que teria sido deixada por Ele quando ascendeu ao Céu. A capela foi transformada em mesquita quando Saladino conquistou Jerusalém em 1187.

A Igreja de Maria Madalena é ortodoxa russa e são freiras russas que cuidam dela desde 1907.

**Jerusalém** – até 1860 só tinha a Cidade Velha, mas começou então a expandir-se vindo a formar a Cidade Santa.

Na primeira, visitámos a Igreja do Pai Nosso, onde Jesus formulou e rezou com os discípulos a oração do Pai Nosso. Nela há painéis em azulejo e cada um deles tem o Pai Nosso escrito na língua do país que o enviou. Na nossa língua há dois: um com algumas palavras mal escritas e outro num português abrigado. Nesta igreja, aqueles de nós que são católicos deram as mãos e rezaram um Pai Nosso.

A Cidade Velha está dividida em quatro bairros: cristão, judaico, muçulmano e arménio.

### 17 DE MAIO (5º dia) – Jerusalém

Numa encosta do Monte das Oliveiras fica a Igreja de Dominus Fleuit (o Senhor Chorou), construída em 1954 sobre as ruínas de uma igreja bizantina. Diz-se que aqui Jesus chorou ao profetizar a destruição de Jerusalém. Por isso, a igreja foi edificada em forma de lágrima.

Igreja de Getsêmani ou Igreja da Agonia – Jesus veio aqui rezar e, deprimido, chorou. Foi também neste local que, traído por Judas, o aprisionaram. A igreja está junto a um pequeno olival, com oliveiras muito antigas, mas há uma nova, plantada pelo Papa Paulo VI.

Cidade Velha – entramos pela Porta dos Leões, assim chamada porque tem dois leões de cada lado. Na época de Jesus Cristo chamava-se Porta das Ovelhas.

Igreja de Santa Ana – marca o lugar do nascimento da Virgem Maria, porque era a casa dos seus pais Ana e Joaquim. É considerada por muitos a jóia das 35 igrejas construídas pelos cruzados.

Junto há as ruínas da cisterna de Betesda, onde Jesus curou um paralítico.

Percorremos a Via Dolorosa, que é o caminho por onde Jesus seguiu para o lugar da Crucificação. Parámos na 1ª Estação, que está no sítio que se sabe ser exato. Sobre as outras 13 não se tem a certeza e estão assinaladas apenas pela tradição. Nela há a Igreja da Condenação.

Na 2ª Estação está a Igreja da Flagelação e, mais adiante, a Basilica de Ecce Homo no Convento das Irmãs de Sião.

Estivemos também nas 3ª, 4ª, 6ª, 7ª e 8ª Estações.

Igreja do Santo Sepulcro – encontra-se no local onde Jesus foi crucificado e enterrado e, depois, ressuscitou. Saladino entregou as chaves da Igreja aos muçulmanos e ainda hoje é uma família muçulmana que tem a chave. Aqui existem seis comunidades cristãs envolvidas no culto: ortodoxos gregos, arménios, católicos romanos, coptas, etíopes e or-

toodoxos sírios. Elas podem circular livremente porque no século XIX os turcos otomanos fizeram um acordo nesse sentido.

No interior há a Capela de Adão que, simbolicamente, se afirma estar aqui sepultado e uma elevação que fazia lembrar uma caveira, que, em aramaico, se diz Gólgota. Esta era, no tempo da ocupação romana o lugar onde se crucificavam os criminosos comuns – e para aqui foi conduzido Jesus Cristo para ser crucificado.

Visitámos depois, no monte Sião, a Igreja da Dormição, onde a tradição diz que a Virgem Maria viveu depois da morte de Seu Filho e onde morreu.

### 18 DE MAIO (6º dia) – continuamos em Jerusalém

Muro das Lamentações – para os judeus é o local mais sagrado de oração. Tem ainda 10 m. abaixo da superfície do solo. Foi o imperador Adriano que, na sequência de uma revolta dos judeus, mandou arrasar Jerusalém, pelo que desta ficaram só ruínas e um muro do Templo, que ficou conhecido durante séculos como o Muro das Lamentações. Depois da reunificação da cidade em 1967 passou a chamar-se também Muro Ocidental.

Fora há um conjunto de grandes blocos de pedra do antigo Templo, que os arqueólogos entenderam que deviam ficar.

Museu de Israel – foi inaugurado em 1965 e nele há o "Santuário do Livro", onde estão os Manuscritos do Mar Morto, cuja interpretação ficou concluída um ano depois da sua descoberta.

Igreja de S. João Batista – encontra-se na povoação de Ein Karem, nos arredores de Jerusalém, e foi erigida sobre a gruta onde se diz que teria nascido S. João Batista. Há nela painéis de mosaicos com a oração do Benedictus em várias línguas, incluindo português. Entrámos nessa gruta e merece realce o belo altar-mor da igreja.

Museu do Holocausto ou Museu da Lembrança – no exterior, há cerca de 20 000 árvores plantadas pelas pessoas que ajudaram judeus a salvarem-se, como Aristides Sousa Mendes.

Dos seis milhões de adultos e 1,5 milhões de crianças que morreram, já foram identificados quatro milhões.

Vimos o Centro de Visitantes e o Memorial da Criança, no qual estão os nomes de todas as crianças mortas no Holocausto.

**Belém** (Bethlem em hebraico, que significa Casa do Pão) – fica na Cisjordânia e, por isso, o nosso guia não pôde entrar. Nós passámos mediante a apresentação do passaporte e foi um guia palestiano que andou connosco.

Igreja da Natividade – foi construída no sítio onde Jesus Cristo nasceu e compõe-se de três setores: ortodoxo grego, arménio e cristão. O maior é o ortodoxo grego, depois o cristão e, a seguir, o arménio, que é o menor. A entrada faz-se

pela porta da Humildade, que tem só cerca de 1 m. de altura, a fim de obrigar as pessoas a exprimirem a sua humildade, baixando-se. Vimos uma réplica da manjedoura, pois a original está em Roma, e uma estrela de prata, que assinala o lugar onde Jesus nasceu, e tem 14 pontas, porque foram 14 as gerações desde Abraão até Ele.

Na nave e a cerca de 1 m. de profundidade há a Igreja de Santa Helena, com o pavimento atapetado.

Tudo isto é do sector ortodoxo e, na parte católica, passamos por um pátio onde está a estátua de S. Jerónimo. Este veio da Croácia e morreu aqui em 1420. Foi ele que traduziu as Escrituras para a "vulgata" (língua do povo) e latim. A seguir entramos na Igreja Franciscana de Santa Catarina. Campo dos Pastores – neste sítio, um anjo apareceu aos pastores, anunciando-lhes o nascimento de Jesus. O local fica junto da aldeia de Beit Sahur.

**19 DE MAIO** (7º dia) – fomos de Jerusalém para Tel Aviv.

Menorah que está defronte do Knesset (Parlamento de Israel) – é mencionada na Bíblia e é um dos dois símbolos do

judaísmo. Esta foi oferecida em 1956 pelo Parlamento britânico, mas é uma reprodução da Menorah original, que foi levada pelos romanos e encontra-se no Coliseu de Roma. A escultura representa 29 cenas da vida judaica, antiga e moderna.

**Tel Aviv** – o nome Tel Aviv significa Colina da Primavera. A cidade foi fundada em 1909 por 60 famílias judias que queriam abandonar Jaffa, e aqui foi proclamado o novo estado independente de Israel em Maio de 1948.

A cidade cresceu a partir do antigo porto de Jaffa e constitui hoje o centro económico e cultural de Israel.

Museu da Diáspora – está dedicado aos 2000 anos da história do povo judaico decorridos a partir da destruição do Segundo Templo. A diáspora começou no ano de 132 e culminou em 135. O retorno só se iniciou em fins do século XIX e a este movimento chama-se Aliá.

E em Tel Aviv terminou a nossa visita a Israel, donde regressámos no dia 20 de Maio.

## NOTA HISTÓRICA

A Terra de Israel foi, primeiro, Canaã, mais tarde Palestina e nela sempre existiram judeus.

Na Terra Santa, as tribos de Canaã substituíram, há cerca de 5 000 anos, os habitantes primitivos.

Os canaanitas viviam segundo um sistema de cidades-estado, uma das quais era Salem ou Jerusalém, de que o rei David fez a sua capital e onde o seu filho Salomão construiu o primeiro Templo. Com a morte dele, em cerca de 930 a.C., o país foi dividido em dois reinos: Israel, composto por 10 tribos, e Judá, por duas, continuando Jerusalém como capital.

Séculos mais tarde, Israel foi conquistada pelos assírios em 721 a.C., as 10 tribos desapareceram e o Templo destruído. Judá sobreviveu até 586 a.C., quando foi conquistada por Babilónia e os judeus exilados.

Em 40 a.C., os romanos nomearam Herodes como governador da maior parte da Terra de Israel e ele promoveu a reconstrução de Jerusalém e do Templo, que passou a designar-se Segundo Templo.

No ano 70 d.C., porém, durante uma revolta judaica, o general romano Tito destruiu Jerusalém e o Templo.

Mais tarde, em 125, o Imperador Adriano mudou o nome de Judeia para Palestina.

Decorridos muitos séculos, no fim da Primeira Guerra Mundial, a Liga das Nações atribuiu à Grã-Bretanha um mandato sobre a Palestina dos turcos, que se concretizou em 24 de Julho de 1922.

Em 1947, a Grã-Bretanha levantou a questão da Palestina nas Nações Unidas e em 15 de Maio de 1948 terminou o mandato britânico. É, então, proclamada a independência do Estado de Israel, mas, passadas algumas horas, os exércitos do Egito, Jordânia, Síria, Líbano e Iraque e contingentes da Arábia Saudita invadiram o país, iniciando-se a Guerra da Independência, que durou sete meses.

Em 1967, Israel é novamente atacado pelos árabes, no que foi a Guerra dos Seis Dias (5 a 10 de Junho), dela resultando a conquista da Cidade Velha de Jerusalém.

Em 1973 dá-se a Guerra do Yom Kipur. Este é, para os judeus, o dia em que Deus descreve o que vai suceder durante um ano. Nele, abstêm-se de comer e beber durante 24 horas.

Em 1978, faz-se o Tratado de Paz com o Egito, em 1993 efetivam-se os Acordos de Oslo e em 1994 é assinado o Acordo de Paz com a Jordânia.

## APONTAMENTOS DIVERSOS

1. Muçulmano é diferente de árabe, pois os muçulmanos são os que seguem a regra do Islão, enquanto árabes são os que saíram da Arábia Saudita e se dispersaram pelo mundo. No entanto, 99,9% dos árabes são muçulmanos.
2. Na Terra Santa há três áreas com regimes diferentes, a saber:  
Área A - a administração e a polícia são palestinianas.  
Área B - a administração é palestiniana e a polícia é israelita.  
Área C - a administração e a polícia são israelitas.
3. Em Israel há poucas cidades mas muitas pequenas povoações.
4. O sabat começa na 6ª feira às 18 h. e vai até às 18 h. de sábado.
5. O Natal é festejado na noite de 24 de Dezembro pelos cristãos ocidentais, em 7 de Janeiro pelos ortodoxos gregos e em 19 de Janeiro pelos arménios.
6. A capital de Israel é, para os judeus, Jerusalém, mas para a comunidade internacional é Tel Aviv, pelo que é aqui que estão as embaixadas.
7. O serviço militar é obrigatório para os homens dos 18 aos 21 anos, mas, depois, têm que fazer um mês por ano até aos 45 anos. Para as mulheres também é obrigatório dos 18 aos 20 anos.
8. O espaço aéreo é patrulado ininterruptamente por dois aviões.
9. As escolas são para judeus e muçulmanos e o ensino secundário é gratuito, desde que se tenha bom aproveitamento. A partir dos 12 anos há aulas diferenciadas para os alunos bons e para os fracos, porque o exército investe muito em tecnologia e seleciona os melhores. A escola fornece os livros, mas estes vão passando para os alunos seguintes. Em medicina, 40% das vagas são para árabes.
10. Saúde - é gratuita. Há um médico de família em cada zona residencial. Se for para um especialista, é atendido no prazo máximo de 7 dias. Se este não resolver o caso, vai para o hospital e é atendido por médicos judeus ou árabes. Também há medicina privada, mas a medicina pública é competente e eficaz.
11. Há 200 000 beduínos, dos quais 160 000 estão ocidentalizados e prestam serviço militar e 40 000 ainda vivem no deserto. Os ovinos são a sua principal fonte de riqueza. São os beduínos que passam droga (haxixe e heroína) pela fronteira do Egipto.
12. As fontes da economia israelita são: tecnologia, agricultura, turismo e lapidação de pedras preciosas.

## A VOZ DA FILANTRÓPICA

# CHÁ DOS REIS E CHÁ DA PRIMAVERA

O Chá dos Reis e o Chá da Primavera foram duas realizações de confraternização, com os habituais complementos culturais de poesia e serenata de Coimbra, tão do agrado dos presentes (38 e 39).

Embora, por vezes, à distância, continuamos a acompanhar os Associados e seus familiares nos momentos de infortúnio e a felicitá-los nos seus aniversários; os postais de parabéns são da autoria e feitura do nosso Colega Arménio Hall, que tem preferido o anonimato, aqui desvendado por razões de justiça e gratidão: "o seu a seu dono"! Bem-hajas!

*A Direcção*



# TRASLADAÇÃO E SARAU “TRIBUTO A LUIZ GOES”



Das actividades deste semestre ressalta, para todos, o evento ocorrido no passado 30 de Março em Coimbra, no Teatro Académico de Gil Vicente “Tributo a Luiz Goes”, pela sua abrangência e dignidade no culminar apoteótico de um processo promovido por esta Associação e partilhado pelas suas congéneres e pelas Academia e Cidade de Coimbra.

O seu registo implica uma curta resenha dos gestos e acções votados ao que foi e será sempre um marco de expressão nacional e lusófona prevalente no património imaterial da Universidade de Coimbra.

Os antecedentes dizem-nos que a estatura e a obra de Luiz Goes (como médico, poeta e cantor da canção coimbrã) foram, ao longo da sua vida, celebrados em sucessivas homenagens promovidas por diversas entidades e instituições, cabendo aqui à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa (AAECL) o (i)modesto júbilo de lhe ter dedicado uma Homenagem Nacional sob o alto patrocínio e representação do Presidente da República e de uma Comissão de Honra constituída pelos maiores dignitários políticos e governamentais do continente e ilhas (86ª Tomada da Bastilha em 2006, no Casino Estoril).

Desde a sua passagem para o Além, em Setembro de 2012, e dando voz aos amigos mais próximos, a mesma Associação diligenciou proporcionar-lhe uma última morada à sua dimensão, obtendo a adesão nesse sentido das outras Associações de Antigos Estudantes de Coimbra (AAEC's) e da própria Associação Académica de Coimbra (AAC), sempre sob a égide da Reitoria

da Universidade nas várias fases do processo, sobremaneira com uma intervenção profícua nas negociações com o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, tendentes à afectação de um lugar condigno no Cemitério da Conchada.

E dedicou-lhe ainda a 93ª Comemoração da Tomada da Bastilha (2013), onde a Escola de Teatro de Cascais (ETC), dirigida pelos Drs Carlos Avilez e Clara Justino, representou pela 1ª vez com elevado profissionalismo a peça “Luiz Goes de Ontem, de Hoje – para Sempre”, da autoria e responsabilidade do Doutor Carlos Carranca (Assessor Cultural de longa data e hoje também Vice-Presidente da Mesa da Assembleia-Geral da AAEC).

Desde logo a sua repetição em Coimbra foi apetecida pelo Magnífico Reitor, pelo Presidente da AAC e pelo Presidente da AAEC sediada em Coimbra.

Este preito a Luiz Goes por parte da ETC veio na sequência de outras homenagens prestadas pelo município de Cascais, terra onde fixara residência: pelo Teatro Experimental de Cascais em 2003 e pelo então Vice-Presidente e Vereador da Cultura da Câmara, Dr. José Jorge Letria, que lhe atribuiu a Medalha Municipal de Mérito Cultural e transpôs para a Sociedade Portuguesa de Autores, ao dirigi-la, a sua admiração por Luiz Goes, ofertando cartazes e brochuras para divulgação do referido preito de 2013.

O presente, em decorrência dos passos ganhos por estes “parceiros”, centrou-se todo em dois momentos, indelevelmente ligados: de glorificação à vida e à imortalidade de Luiz Goes:

- às 12h00 desse dia 30, a Trasladação dos seus restos mortais do jazigo da Família de António Portugal (que os acolheu num gesto de solidariedade exemplar) para o seu pouso eterno – o jazigo municipal nº 33 do mesmo cemitério, restaurado a expensas de Antigos Estudantes. Uma cerimónia singela, apenas musicada pelo Grupo "Raízes de Coimbra" e jovens da Escola de Teatro de Cascais e verbalizada, naturalmente, pela Viúva Paula Goes, pela filha Ana Goes e, no exercício do seu munus, pelo Presidente da Câmara, Dr. Manuel Machado;
- às 21h00, coube a última e grandiosa homenagem à iniciativa e responsabilidade da Universidade de Coimbra, que a apelidou de "Tributo a Luiz Goes", em Sarau integrado na sua "Semana Cultural" e magistralmente concebido e orientado pelo seu Vice-Reitor Prof. Doutor Luis Menezes, no acto também em representação do Magnífico Reitor, e competentemente assessorado pela Dr.ª Ana Goulão.

Como vi e senti este preito?

Primeiro, à boca de cena – no exercício de uma missão dada pelo Sr. Vice-Reitor, em consequência do apoio da AAECCL que anunciara à imprensa, de representar todas as AAEC's (o que fiz em paridade, independentemente da sua efectiva contribuição ou simples adesão ao projecto "Luiz Goes", salientando ainda a acção do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Coimbra e dos outros intervenientes e colaboradores) - vi uma sala plena de rostos solidários, no momento ou no após; por todos eles perpassava o incorpóreo do Luiz, invocado com exaltação pelo nosso apresentador Dr. Sansão Coelho, que os igualava no mesmo fraterno sentimento.

Depois, já na plateia, experimentei o mesmo pulsar de corações em todo o alinhamento do espectáculo, sob a direcção de cena do Doutor Carlos Carranca:

- A convite da Reitoria, o Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra, dirigido pelo maestro Virgílio Caseiro, reportou-nos com emoção a Luiz Goes em 3 dos 5 temas que entoou (2 de Zeca Afonso).
- Impacto emocional redobrado perante a actuação do Grupo "In Illo Tempore" da Secção de Fado da AAC, que, pela mão do Presidente da Direcção Ricardo Morgado, inscreveu este Sarau no "Programa Cultural da Queima das Fitas". Interpretaram estes jovens canções do Luiz Goes num qualificado testemunho da sua gratidão, tal como ressaltou das palavras do Apresentador, merecidamente elogiosas, delas se subentendendo também um estímulo para os jovens presentes e um chamamento dos (muitos) ausentes.
- A coroar, nada mais oportuno e pleno de sentido que trazer ao palco do TAGV a tal apetecida peça "Luiz Goes de Ontem, de Hoje – para Sempre".

Assente numa entrevista que o autor fez a Luiz Goes em 1998 (publicada em livro nas "Jornadas de Educação e Cultura do Concelho de Cascais"), 80 alunos e actores saídos daquela Escola – Luís Aguiar e Pedro Jorge nos papéis de Luiz Goes e Renato Pino como jornalista – revelaram a estatura humana, artística e

académica do entrevistado, em bailados e expressões corporal e verbal, sob a orientação da coreógrafa Dr.ª Helena Vascon e do maestro Hugo Reis.

Ao Grupo "Pardalitos do Mondego" foi devolvido, mais uma vez, o papel nuclear mas discreto de, sempre em palco, tudo enquadrar nas suas primorosas interpretações de canções do Goes, que privilegiam nos seus conhecidos desempenhos: Paulo Alexandre e Francisco Viana à guitarra; José Reis e Arnaldo Tomás à viola; voz de Rui Lucas a que se juntou a de Jorge Cravo.

Trazendo à peça idêntico enriquecimento, relevaram os testemunhos ao vivo do amigo dilecto Prof. Doutor Polybio Serra e Silva; do Dr. Jorge Cravo, que, em Abril de 2011, apresentou em Lisboa o livro "Luiz Goes, o Neo-modernismo na Canção de Coimbra ou o Advento da Escola Goesiana"; e do Ricardo Morgado, cuja capa negra se agigantou à medida das suas asisadas palavras, nela abrigando uma Academia que tanto prestigiou Luiz Goes ao longo de gerações e, ali, só emparceirou em espírito.

No final, a assistência aplaudiu vibrantemente todos os intervenientes, com primazia para Carlos Carranca, que chamou para o seu lado a equipa técnica e artística da ETC (adentro de um aparente descontrolo programático, que não minorou a excelência do espectáculo, antes fez vir à tona aquele resquício de irreverência académica que todos os "coimbrões" trazem dentro de si). Desse toque de espontaneidade há a reter na memória a exaltação maior que foi o "Cantiga para quem sonha", entoada pelos actores da Escola, pelos Antigos Orfeonistas ainda presentes e por toda a assistência de pé, em ovação nesta apoteose inesquecível para a Academia e para a Cidade de Coimbra.

De todos estes gestos votados a Luiz Goes nesse dia (que ficarão nos anais da Academia), de todo este entrelaçar de almas coimbrãs e clamor de admiração e saudade – nunca é demais repetir – fica a Universidade de Coimbra credora da gratidão de quantos de boa vontade e em espírito de fraternidade deles usufruíram. E... fazendo jus à irreverência, digo que bem pode orgulhar-se deste crédito e fazê-lo render com futuras iniciativas em honra do Antigo Estudante de Coimbra, que, onde quer que esteja, está a Universidade de Coimbra!

*Maria de Fátima Lencastre*

## EM REFORÇO, OS TESTEMUNHOS ABAIXO (POR ORDEM DE CHEGADA):

*"Enfrentar a morte é cruel, mas é preciso.*

*Ouvir falar de ti no passado é terrível: És e não és; estás e não estás! Sinto-te, mas não te vejo.*

*Oiço a tua voz e isso enche-me. É uma torrente de emoções, boas e más, um calafrio.*

*Tens amigos, muitos, e todos têm um bocadinho de ti. Porque tu existes...*

*E existirás sempre dentro de mim.*

*Ana Paula Goes"*

*"Luiz Goes, referência enorme da Canção de Coimbra, integra ao mais alto nível o conceito de "Imortalidade de figuras ilustres da Academia e da Cidade de Coimbra"*

*Daí, com toda a dignidade e num clima de emoção, respeito e agradecimento por tudo o que Luiz Goes representa para Coimbra, os seus restos mortais foram trasladados para o Mausoléu do Cemitério da Conchada destinado a Altas Figuras que passaram pela Universidade de Coimbra.*

*Em boa hora as Entidades constituídas pelas Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra espalhadas pelo País, a Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra e a Câmara Municipal de Coimbra tomaram em si a instituição de tal Mausoléu.*

*A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto acompanha esta iniciativa com o maior reconhecimento pela vida o obra de Luiz Goes.*

*O Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto  
António Amaro Correia"*

#### **"A HOMENAGEM QUE COIMBRA LHE PRESTOU**

Apesar de um certo desgosto por Coimbra muitas vezes o esquecer, quando viu aproximar o seu fim, Luís Góis expressou o seu desejo; "Esteja onde estiver, quando eu morrer, quero ser sepultado em Coimbra!"

Por isso, o dia 30.Março. 2014 ficará para sempre marcado a letras de oiro na Biografia de Luís Góis, como a data em que lhe foi satisfeita a sua ultima vontade!

Apesar da chuva e do mau tempo, o Cemitério da Conchada foi invadido por largas centenas de amigos que lhe vieram fazer a derradeira Homenagem. Discursos, Poemas, Fado de Coimbra acompanharam Luís Góis à sua última morada. Um Jazigo Municipal, restaurado por antigos estudantes de Coimbra com a lapide "À Imortalidade de figuras ilustres da Academia e da Cidade de Coimbra".

À noite no TAGV, com a Plateia repleta e vibrante, um espectacular Sarau "Tributo a Luís Góis ontem, hoje, para sempre", com o prestigiado Coro dos Antigos Orfeonistas, Fados da AAC "In Illo Tempore" e espectáculo cénico pela Escola de Teatro de Cascais. Um sucesso absoluto!

#### **Cantiga para quem sonha**

Com Luis Gois, agora entre nós, a dormir o seu sono eterno, reconciliado, tranquilo e feliz, a sua "Cantiga para um sonho", pairará para sempre sobre a cidade do Mondego que o viu nascer, que ele tanto amou e a quem tanto deu: "Tu, que crês um Mundo maior e melhor/ grita bem alto que o céu está aqui. Tu que vês, irmãos, só irmãos em redor/ Crê que esse Mundo, começa por ti"

Que Luís Góis seja uma eterna referência para todos aqueles que sonhamos e lutamos, diariamente, por uma Coimbra cada vez melhor!

A Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Braga  
Piedade Tavarela

*"De entre as muitas coisas que se aprendem em Coimbra, a amizade e a solidariedade ficam para a vida.*

*Creio não errar ao pensar terem sido estes os valores que motivaram a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa a encontrar, em Coimbra, o porto de abrigo adequado para o Luiz Goes. E se bem o pensaram, mais depressa o fizeram. Com a colaboração da Câmara Municipal de Coimbra, na cédência e recuperação de um espaço próprio hoje dedicado às figuras que se destacaram na Canção de Coimbra, foi para aí que a Associação dos Antigos Estudantes levou o nosso Luizinho, como ternamente os amigos lhe chamaram.*

*Muitos amigos presentes, de Coimbra e de Lisboa, a garantiram a música esperada, nas guitarras e nas vozes que bem apreciámos. Só eu fiquei a perder, que agora já não posso cuidar dele, levar-lhe umas flores, trazer memórias à conversa em silêncio. Sei também que o António se sente agora mais só, mas acredito que, pela calada da noite, lá hão-de arranjar modo de se reencontrarem.*

*A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa não se ficou por esta cerimónia. Com o apoio da Universidade de Coimbra promoveu uma homenagem no TAGV, onde pudemos ouvir algum do vasto repertório da música de Luiz Goes, por vozes mais velhas e mais novas, não faltando o Coro dos Antigos Orfeonistas. O Dr. Carlos Carranca produziu e encerrou uma peça relativa à vida pessoal e artística de Luiz Goes, com a participação dos alunos do Teatro Experimental de Cascais.*

*Por tudo isto aqui deixo o meu louvor à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, na pessoa da sua Presidente, Dr.ª Maria de Fátima Lencastre, que soube encontrar o rumo certo para a digna homenagem ao Luiz Goes.*

*Teresa Alegre Portugal"*

*"Foi um momento de grande envolvimento emocional ter estado presente na trasladação dos restos mortais de Luiz Goes para um jazigo municipal. Cumpriu-se, definitivamente, o seu desejo: dali nunca sairá e ficará "ad eternum" sepultado na sua Coimbra. Por outro lado, a participação no Sarau em sua homenagem foi, para mim, um acto de grande seriedade, pois só esta poderia ser a minha postura face à pequenez que sempre sinto quando me são pedidas, publicamente, algumas palavras sobre aquele que sempre será a referência maior da Canção de Coimbra.*

*Jorge Cravo"*

**"HOMEM SÓ, MEU IRMÃO**

Falar de Luiz Goes, espartilhado pelos caracteres duma página A4, a 2 espaços, ou 5 minutos de oralidade, é como pretender meter o Rossio na Betesga, o que não me permitirá reviver o tempo decorrido entre o ano da sua chegada a Coimbra, altura em que o conheci e 1957, espaço de tempo que inclui tudo o que, em conjunto, partilhámos nos bons e maus momentos do nosso Curso Médico. Nessa altura... estudante sofria!

Mas lá levámos a cruz ao calvário e licenciámo-nos no mesmo ano, vindo o Luiz, de seguida, para Lisboa, mas mantendo sempre comigo uma relação de íntima e franca amizade.

Talvez por essa razão, quando a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa (AAECL) resolveu honrar-me com uma homenagem, tive a grata surpresa de ouvir a leitura do Curriculum, que me deu direito a tal galardão, pela voz inconfundível de Luiz Goes e anos depois, no mesmo local, tive oportunidade de assistir a um semelhante evento, que a mesma Associação lhe ofereceu e de sentir na garganta um agridoce, fruto da mistura da agradável sensação de viver com ele a tão merecida homenagem e a observação do semblante doloroso do homenageado, ajoujado ao peso dum colar cervical imposto por um recente traumatismo.

Os anos foram passando e, não obstante a distância, a nossa amizade foi-se consolidando, nomeadamente nas reuniões anuais do nosso Curso até que, malgradadamente, e em virtude da sua triste partida final lhe dirigi, no encerramento das cerimónias fúnebres, ocorridas na Igreja de Santa Cruz, em Coimbra, esta sentida mensagem:

Querido Luiz

Se lá no assento etéreo onde subistes consegues ouvir-me é, exatamente a ti, que diretamente quero dirigir duas palavras e depois dizer-te a nota descritiva da fotografia que queremos guardar de ti.

Primeiro quero dizer-te que, há 3 meses, na Quinta das Lágrimas, junto à Fonte dos Amores, naquele engano de alma ledo e cego, esperámos por ti para comemorarmos os 55 anos do nosso "Parto a Sorrir".

Infelizmente não apareceste e nós prestamos-te uma singela homenagem principalmente com votos de boas melhoras.

Quis o destino que, infelizmente, essa reunião contigo não volte a ser possível, pelo que aqui deixamos as nossas palavras de despedida:

Desde o tempo de estudante,  
Para quem privou contigo,  
Foste um Artista gigante  
E, melhor, um Grande Amigo!

Com todo o engenho e arte  
És mais um de nós que abala,  
É mais um de nós que parte  
Mais uma voz que se cala.

Cala-se a voz dum Cantor,  
Que atingiu a sua meta,  
Acaba um Compositor  
E extingue-se um Poeta.

Não só Coimbra o diz,  
Não só o diz Portugal,  
Que a tua perda, Luiz,  
É uma perda Global.

Que na hora do passamento,  
Por não sofreres ao partir,  
Tenhas dito, em pensamento:  
-Amigos, "Parto a Sorrir"!

Mais recentemente, em "Aprender a não ser velho", que publiquei em maio de 2013, ao lado de "grandes" personalidades também já falecidas e outras felizmente ainda no reino dos vivos, que admirei por terem sabido envelhecer activamente, tive oportunidade de enaltecer o elevado quilate da sua personalidade.

Como é preciso acreditar que Luiz Goes não nos deixou completamente, pois algo de si continua entre nós, tive o grato prazer de recentemente, primeiro no Casino do Estoril e, depois, no Teatro de Gil Vicente, o abraçar fraternalmente e, ao ouvido, lhe declarar que a minha gravata vermelha estava em sua honra, por ele gostar muito de encarnado e que, contrariamente ao que ele pensava, Coimbra, mais do que gostar dele, o adorava.

Continuemos a sonhar que é a última coisa que devemos deixar de fazer!

Polybio Serra e Silva"

"Domingo, 30 de Março de 2014, 21.00 horas.

Local – Teatro Académico de Gil Vicente, Coimbra

Foi o culminar de um processo que tinha começado quando da morte do cantor a 18 de Março de 2012, por ideia de Carlos Carranca e, de imediato, assumido pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, com o entusiasmo com que, habitualmente, a sua Presidente, Fátima Lencastre, põe em tudo o que assume.

Como é hábito também, todas as outras Associações de Antigos Estudantes colaboraram empenhadamente de uma forma ou outra.

A parceria com a Câmara Municipal de Coimbra e com a Reitoria da Universidade de Coimbra efectivou-se e o projecto teve pernas para andar.

De manhã, sob chuva inclemente, a cerimónia no Cemitério da Conchada efectuou-se com a solenidade que o momento requeria. Aguardou-se a noite e o espectáculo.

Depois da actuação do Coro dos Antigos Orfeonistas e do grupo de fados da Secção de Fado da Associação Académica de

Coimbra "In Illo Tempore" foi apresentada a peça "Luiz Goes - de Ontem, de Hoje - Para Sempre", de Carlos Carranca, com a colaboração do Teatro Experimental de Cascais, Alunos da Escola de Teatro de Cascais, Pardalitos do Mondego e outros. A peça já tinha sido anteriormente apresentada no Casino do Estoril, quando da "Tomada da Bastilha", nome que a AAEC dá às suas comemorações anuais, com tal agrado que, eu mesmo como Presidente da AAEC (Casa Mãe), solicitei, em 1ª mão, logo secundado pelo então Presidente da AAC, Ricardo Morgado, e pelo Magnífico Reitor, a sua apresentação em Coimbra.

E como todas as críticas já foram feitas quando das comemorações do "Dia do Antigo Estudante" a 31 de Maio passado, mais não digo.

Tudo já passou com o tempo e a união entre as AAEC perdeu-se como não podia deixar de ser entre antigos estudantes de Coimbra.

O Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, sedeadada em Coimbra Augusto Roxo"

"Luiz Goes é um nome quase intimidante. É um nome grande, muito grande. É um ícone, um vulto, é a alegre angústia do Fado personificada. É daquelas pessoas que mesmo quem nunca teve a fortuna de privar, como é o meu caso, nos causa admiração profunda. Não conhecendo pessoalmente Luiz Goes, digo que o conheço enquanto símbolo ímpar da Academia, da Cidade de Coimbra e do país. A sua voz, e o que ela nos transfere, estará para sempre gravada nos entrelaços da mente. Vai, como a tantos, acompanhar-me para a vida, vai-me fazer voltar sempre a Coimbra, vai-me sempre lembrar que há esperança, se acreditarmos. É notável o seu poder. No ano passado tive a oportunidade de assistir a uma magnífica homenagem a Luiz Goes na Tomada da Bastilha dos antigos estudantes. O Carlos Carranca, formidável como sempre, transpôs para o teatro, para a poesia, para a dança, para o "à Capella", o Luiz Goes por inteiro. Não faltou nada, nem Luiz Goes, porque até ele estava lá. Foi como sonhar acordado. Inolvidável. O impacto foi tão grande que no fim, numa simples conversa surgiu a ideia de trazer o mesmo espectáculo a Coimbra. Assim aconteceu. Dos anos que passei na Associação Académica de Coimbra, este será sem dúvida um momento que nunca esquecerei. Luiz Goes está vivo, é eterno e atual. Sempre que o recordarmos, não nos esqueceremos também que hoje, como ontem, "É preciso Acreditar!"

O Presidente da Associação Académica de Coimbra Ricardo Morgado"

"1 - Em nome pessoal e da AAEC/ Alto Mondego, a que presido, peço vênias para assumir integralmente, como também nossas, as palavras elogiosas e considerações oportunas da autoria da Dra. Fátima Lencastre, ilustre Presidente da AAEC/ Lisboa, e do Magnífico Vice-Reitor, em tributo ao saudoso Dr. Luiz Goes.

Impõe-se registar e elogiar o magnífico trabalho da nossa colega e da sua Associação em Lisboa, por toda a atividade desenvolvida no sentido de glorificar a inolvidável figura do seu associado Luiz Goes.

Estes elogios são extensivos à Universidade, na pessoa do Magnífico Vice-Reitor, Prof. Doutor Luís Meneses, que bem sentiu e fez sentir (designadamente junto das autoridades municipais) o dever de perpetuar a memória de Luiz Goes como um dos maiores expoentes da CANÇÃO de COIMBRA.

A transladação para a nossa cidade de Coimbra com os encargos e exigências que isso comporta, constituiu um gesto de grande nobreza e importância histórica, que ao Município também, e muito, se deve.

2 - Deixem-me, com alguma vaidade e orgulho, recordar aqui e agora, o serão de convívio inolvidável, ocorrido na minha própria casa de residência, em Gouveia, enquanto Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra do Alto Mondego, onde um grupo de notáveis da Canção de Coimbra, designadamente, e entre outros, Dr. Luiz Goes, Prof. Dr. Pinho Brojo, Dr. António Portugal (só para citar os já falecidos), todos eles protagonistas de uma tradição e cultura que nunca morre, nem esmorece, brindou todos os presentes com vários números do Fado de Coimbra, de que eram brilhantes intérpretes.

Por tudo quanto fizeram em prol da cultura e tradição Coimbrã, e, obviamente, a favor da nossa Universidade, Bem-Hajam!

Para as demais Associações fraternas deixo um abraço de solidariedade e envio um EFERREÀ muito vibrante.

Para o Luiz Goes, Paz à sua alma!

A todos Bem- Hajam!

O Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Alto Mondego Heitor Peixoto

"É com emoção que recordo a nossa agradável colaboração na homenagem a Luís Goes. Figura marcante no percurso do Teatro Experimental De Cascais, Luís Goes está representado na parede de honra do TEC desde 5 de Janeiro 2003, não só pelo valor enquanto artista, mas essencialmente, pela cultura da amizade e pelos altos valores que defendeu. Creio que o espectáculo criado pelos nossos professores Carlos Carranca, Helena Vascon e Hugo Reis e desenvolvido pelos nossos alu-

*nos, fez jus a essas, entre muitas outras, dimensões da vida do nosso querido amigo. Pessoalmente, vi os alunos da Escola de Teatro de Cascais como um momento de futuro numa tão grande saudade.*

*Ao lembrar as noites de 23 de Novembro do ano passado e de 30 de Março deste ano, relembro também a influência e a importância que a cidade de Coimbra teve, tem, para mim, enquanto artista e pessoa. Tendo sido convidado pela Gulbenkian*

*para dirigir o CITAC, nos primeiros anos de carreira, forjei com Coimbra um laço que dura até hoje, associado ao trabalho e amizade que desenvolvi com grandes figuras da cultura com Adriano Correia de Oliveira, Manuel Valente, Helena Aguiar, Margarida Lucas e tantos outros...*

*Envio um abraço a todos os membros da aaecl.*

*Com amizade, Carlos Avilez"*



## ASSOCIATIVISMO

# A ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (ALUMNI) E O ASSOCIATIVISMO NO ÂMBITO DA UNIVERSIDADE

*Fátima Lencastre*

É sabido que o associativismo, no contexto em que nos situamos, consiste na reunião legal de pessoas em associações sem fins lucrativos, visando a satisfação de objectivos comuns que podem ter um espectro muito variado, incluindo os da solidariedade social em geral, mas privilegiando sempre a valorização dos seus pares e a partilha de conhecimentos e capacidades.

Nesta senda e com tais objectivos de base, a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FAUC), através dos seus órgãos e por iniciativa de alguns dos seus membros, promoveu em 9 de Dezembro de 2004 a constituição de uma Associação de Antigos Alunos (a ALUMNI), tendo convidado para sócios fundadores 80 de vários quadrantes, com vista a uma troca de saberes entre gerações de juristas unidos pelo facto de um dia a terem frequentado para obtenção de uma licenciatura, um mestrado ou um doutoramento. Aprovados os seus estatutos, foram no ano seguinte eleitos os competentes órgãos:

### Mesa de Assembleia

- Dr. Proença de Carvalho
- Dr. Paulo Mota Pinto
- Drª Maria de Fátima Lencastre

### Direcção

- Dr. Faria Costa
- Drª Alexandra Vilela
- Drª Virgínia Veiga

**Conselho Fiscal**

- Dr. Xavier de Basto
- Cons. Benjamim Silva Rodrigues
- Juiz Joel Timóteo Ramos Pereira

**Consilium**

- Dr. Álvaro Laborinho Lúcio
- Dr. António de Almeida Santos
- Dr. António Arnaut
- Prof. Dr. António Barbosa de Melo
- Dr. António Castanheira Neves
- Dr. Artur Santos Silva

- Dr. Emílio Rui Vilar
- Dr. Eurico Nogueira
- Dr. Fernando Aguiar Branco
- Dr. Francisco Pereira Coelho
- Prof. Dr. José Cardoso da Costa
- Dr. José Miguel Júdice
- Juiz José Narciso Cunha Rodrigues
- Drª Maria de Fátima Lencastre
- Dr. Mário Júlio de Almeida Costa
- Dr. Miguel Veiga
- Dr. Rogério Soares
- Prof. Doutor Rui Alarcão

Desde então, a ALUMNI tem desenvolvido, por si só, valiosas actividades de cariz cultural ligadas ao pensamento jurídico da Faculdade de que emerge e também de natureza filantrópica com a atribuição anual do Prémio Eduardo Correia ao melhor aluno finalista da FAUC, nos termos e condições fixados no respectivo regulamento. Configura uma das associações de índole sectorial/profissional que, a par de outras congéneres (as Associações para o Desenvolvimento da Engenharia Química, Engenharia Civil e a Associação dos Antigos Alunos do Departamento de Engenharia Electrotécnica), se interligaram com o acervo de associações de índole regional constituídas por antigos estudantes espalhados pelo país e pelo estrangeiro e titulares de qualquer curso ou grau académico obtido em Coimbra (Associações de Antigos Estudantes de Coimbra em Braga, no Porto, no Alto Mondego, em Coimbra, em Lisboa, no Algarve, na Madeira e na Guiné-Bissau).

Interação esta promovida pela Reitoria da Universidade de Coimbra (UC) que, desde Abril de 2006, reúne periodicamente os presidentes da Direcção (ou seus representantes) de cada associação, sem intuítos de supremacia ou interferência na autonomia de cada qual, antes compatibilizando as suas realizações (de maior ou menor dimensão) e oferecendo o suporte da Rede U.C. que criou para acompanhar o aluno à saída da Universidade e informá-lo da existência e localização geográfica das associações de antigos estudantes.

Dessas reuniões têm resultado ações conjuntas (como a da glorificação de Colegas já falecidos), debates sobre temas de interesse comum (com particular acuidade o do apoio aos jovens no acesso a estágios e emprego) e a manifestação reiterada do legítimo desejo de o antigo estudante ter assento, por direito próprio, nos Órgãos da Universidade – no Senado concretamente – conferindo assim a este movimento associativo a dimensão que merece.

A viabilidade legal e estatutária de tal representação implica, necessariamente, a legitimação de um órgão de cúpula (federação ou similar), cuja constituição tem sido debatida em reuniões inter-associações e com a própria Reitoria.

Muito mais haveria que dizer a respeito, nomeadamente quanto ao desenrolar da vivência associativa, que o espaço não comporta. De registar, em súmula, que as Associações dos Antigos Alunos/Estudantes de Coimbra cooperam com a jovem Academia através da sua Associação Académica, transmitindo-lhes os valores universais e intemporais que ditam a sua postura de vida; e contribuem de forma decisiva para a defesa da boa imagem e para a divulgação do prestígio nacional e internacional da Universidade de Coimbra e da qualidade de formação das suas Escolas, como são paradigma, neste caso, as actividades desenvolvidas pela ALUMNI ao longo de quase 10 anos decorridos.

Hoje, dispõe de nova Direcção e de nova Mesa da Assembleia-Geral:

**Mesa de Assembleia**

- Drª Maria de Fátima Lencastre
- Dr. Paulo Mota Pinto
- Drª Sandra Teixeira do Carmo

**Direcção**

- Dr. José Manuel Aroso Linhares
- Drª Arménia Morgado Coimbra
- Drª Marta Chantal Ribeiro
- Drª Ana Margarida Gaudêncio
- Dr. Luiz Menezes do Vale

eleitas em 7 de Junho em Assembleia-Geral, que reelegeram o *Conselho Fiscal* e o *Consilium* (com a perda do Dr. Eurico Nogueira, por falecimento), que prosseguirão o objectivo de “continuar, reforçar e perpetuar os valores e o espírito pertencentes à Faculdade de Direito da Universidade” (nas palavras do 1º Presidente da Direcção, Prof. Doutor José de Faria e Costa, actualmente Provedor de Justiça).

# OS NOSSOS POETAS

## FAZER ANOS

*Maria Maia em Muros Brancos | Fev. de 1991  
(aka Maria Teresa Carrilho)*

Fazer anos...  
Que domínio é preciso!  
Fazer anos...  
Significa acolher  
O que ainda há-de vir  
E esquecer o que já passou.  
Significa ter de vencer  
Os escolhos  
Que ainda háo-de aparecer  
E significa omitir  
O que deixámos de fazer!  
Fazer anos...  
É passar uma barreira  
É ter de subir a ladeira  
Da vida e do sonho...

É ter escalado os obstáculos  
E ter dominado os tentáculos  
Da ferida e do desalento!  
Mas é também  
Virar os olhos para a frente  
E pôr a andar os projectos  
Que ainda temos em mente!  
É não fracassar  
E não vacilar!  
É dominar  
A preguiça e a frouxidão  
É deixar para trás  
O cansaço e a lentidão!  
É ter presente  
Que só há vida

Enquanto há sonho...  
É olear os tendões  
Com o óleo dos sonhos  
E das quimeras...  
É não estarmos tristonhos!  
É avançar com alegria  
E ter, sempre, por lema  
Que a vida só vale a pena  
Quando algo se tenta!  
Significa, ainda,  
Que nunca se deve esmorecer  
Pois isso significa morrer!  
Que a vida só continua  
Se continuarmos a ter  
Um grande sonho!

## INCITAMENTO A ALGUNS AMIGOS

*Abílio Joaquim Patinho, Cor. Adm. Era. Ref. em 26 NOV 2011*

**I**  
Avante!... Não grito político!  
Mas apenas de incitamento:  
- Mexe-te e marcha, Amigo,  
Atenua o sofrimento!

**II**  
Sei de Amigos que se quedaram,  
Lendo, só, cruzando os seus braços;  
E, quando deram por Si,  
Era tarde... não davam passos!

**III**  
Perguntando, depois, por eles,  
A Pessoa que os conheceu,

Ouvi, às vezes a resposta:  
Quem? Fulano?... Já faleceu!

**IV**  
Combate a "solidão-preguiça":  
- Mexe-te, revive, trabalha,  
Agrega-te a outros Amigos...  
... E vencerás tua Batalha!

**V**  
Que bom é ser-se Vencedor  
- Saborear gostosamente! -  
Das lutas que vamos travando  
Dia-a-dia, constantemente!

**VI**  
Deus deu-nos a tal energia,  
Em boa medida, bastante,  
Para vencermos as refregas!  
Meu Amigo, sê confiante!

**VII**  
Mas... é preciso praticar  
Aquilo que aqui te aconselho!  
Eu faço com resultados!  
Segue este conselho, do VELHO!

### 01.

## JANTARES MENSAIS

Realizaram-se dois: em Fevereiro (com 28 convivas) e em Abril (com 31 convivas), sempre num privilegiado ambiente de "família" que proporciona mais variada espontaneidade em intervenções e nas felicitações aos aniversariantes.



### 02.

## FOLIA DO CARNAVAL

No mesmo *Altis Park Hotel*, com o mesmo jovem conjunto "*Clube Vintage*" e um jantar-buffet que não desmereceu os dos anos anteriores, a animação e a surpresa do bolo de aniversário fingido também não esmoreceu, não obstante a "crise" que se reflectiu no número mais reduzido de foliões:



### 04.

## FESTA DOS SANTOS POPULARES

Num sábado luminoso, quente e cheio de sol, 52 participantes reuniram-se no local habitual (traseiras da Reitoria da Cidade Universitária) pelas 12 horas a fim de, pelas 12,15 horas (em ponto) rumarem em direcção a Fernão Ferro, na outra margem do Tejo, para festejarem os Santos Populares na Quinta "A Valenciana". Outros quatro convivas iriam até Fernão Ferro pelos seus próprios meios.

Já há mais de 20 anos que não ia à Quinta "A Valenciana" e, embora as recordações do local já estivessem bastante esbatidas na minha memória, verifiquei que o local que encontramos não tinha nada a ver com aquilo que tinha sido anteriormente. Agora era um espaço moderno, bem cuidado, com salas amplas e até com uma zona de alojamentos com 57 quartos.

### 03.

## CANÇÃO DE COIMBRA E POESIA NO PANTEÃO NACIONAL

Os "*Pardalitos do Mondego*" foram as estrelas deste evento que, pela mão do nosso Assessor Cultural Carlos Carranca, se realizou em Março, numa parceria promissora de outras futuras.

O ambiente e a qualidade dos intérpretes da música, da canção e da poesia encantaram os muitos dos nossos Associados presentes.

À nossa espera estava um almoço típico, que constou do habitual caldo verde, sardinhas assadas (boas) e febras. Para finalizar, havia salada de frutas e arroz doce.

Todos os participantes se mostraram agradados com o local e com a refeição e, no final da mesma, teve início a música ao vivo alegre, alusiva à época, com as habituais marchas, mas tam-

bém houve música mais adequada para dançar a dois.

Seguiu-se o concurso de quadras populares: o júri era constituído pela Maria Claudina, Catarina Rodrigues e Tito Costa Santos e, depois de uma longa deliberação, os prémios (os habituais manjericos de tamanho proporcional ao prémio) foram atribuídos a: Teresa Leónidas (3.º lugar) Fernando Soares da Costa (2.º lugar) e Maria Alice Gouveia (1.º lugar).



S.to António já passou  
E também o S. João  
O S. Pedro não chegou  
P'ra salvar a selecção.

*Giesta*

Ó São Pedro, tu que és Santo  
Livra-me desta aflicção  
Agasalha-me em teu manto,  
E reforma a Selecção!

*Tu me valhas*

S. Pedro estavas dormindo?  
Mataste-me o coração  
Não podias ter ajudado  
A ganhar a Selecção?

*Avó*

Após mais um período de música para dançar, teve lugar o "Parabéns a Você" dedicado aos aniversariantes do mês de Junho. Devo aqui salientar o simpático gesto da Quinta "A Valenciana", que ofereceu o espumante para acompanhar o bolo de aniversário. Na minha opinião, foi uma Festa dos Santos Populares bastante satisfatória e decerto que este será um local a tomar em consideração aquando de futuras actividades organizadas pela nossa Associação. A gerência tratou-nos com grande simpatia e amabilidade e será com agrado que voltaremos numa próxima oportunidade.

*Maria Isabel Soares da Costa*

## 05.

### COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- Merece a maior saliência a comemoração do XLIV Dia do Antigo Estudante de Coimbra, promovido pela congénere Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, desta vez com uma componente digna de registo: a recepção decorreu na Casa do Pinhal, propriedade do sempre solidário Polybio Serra e Silva, que disponibilizou árvores, relva e piscina para um delicioso almoço, seguido de um Sarau abrilhantado pela Orquestra dos Antigos Tunos da Universidade de Coimbra. O momento alto foi a homenagem prestada ao decano cantor do fado de Coimbra, Napoleão Amorim, inigualável nos seus estilo, timbre e sonoridade de voz.
- Também a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Braga realizou um almoço de convívio com um programa sob o tema "Tributo ao Fado e Canção de Coimbra" (intervenções, poemas e actuação do Grupo Fados de Coimbra).
- Fomos convidados a participar num jantar-concerto inserido no II Congresso da Cidadania Lusófona, no Palácio Foz, em que actuaram: Grupo "Gera Jazz" (Portugal) da Orquestra Geração; Fados de Coimbra (Portugal) por Carlos Carranca e os "Pardalitos do Mondego"; Guitarrista Galega (Galiza) por Isabel Rel Saartim; Grupo de Capoeira (Brasil) "Sanzala"; e Grupo de Batucadeiras (Cabo Verde) "Vozes d'Africa".
- Fomos convidados para assistir, no átrio principal da Assembleia da República, no dia 24 de Abril, ao Concerto Capas Negras, com músicos convidados e o Coro da Assembleia, regido pelo maestro Afonso Granjo.
- Estivemos também presentes na actuação do Coro Alma de Coimbra, em Junho, no Salão Nobre da Assembleia da República, que, sob a maestria de Augusto Mesquita, encantou a numerosa assistência com canções de Luiz Goes, Zeca Afonso, Amália Rodrigues, Rui Veloso, Manuel Alegre, António Portugal, entre outros, e guitarradas de António Portugal e João Bagão.

## 06.

## SE NÃO SABIAS FICAS A SABER QUE...

**Deram entrada na Biblioteca neste 1º Semestre ...**

Contribuíram para enriquecimento do património da nossa Associação com livros e outra documentação os Sócios e Amigos:

- Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Lencastre, Prof. Doutor José Paiva Boléo-Tomé e a Associação dos Pupilos do Exército.  
*Perdoar-nos-ão os que, por lapso involuntário, não foram mencionados.*

## 07.

## NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

... em 2014 (até Junho) foram: Dr. Zeferino do Sacramento Pereira, Sócio 1310; Eng. António Matos Silva, Sócio 1311; Dr. José Martins de Sá, Sócio 1312; Dr. Jorge Manuel da Silva e Sousa, Sócio 1313; Dr. Manuel Augusto Moutinho da Silva Pereira, Sócio 1314 Dr. Gilberto Rosário Gonçalves, Sócio 1315.

## VISITAS LOCAIS

No 1º semestre de 2014 realizaram-se 5 visitas:

- Dia 14 de Janeiro – no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian à exposição *"Sob o Signo de Amadeo – Um Século de Arte"*;
- Dia 12 de Fevereiro – no Museu Nacional de Arte Antiga à exposição *"Rubens, Brühgel, Lorrain – A Paisagem Nórdica do Museu do Prado"*;
- Dia 26 de Março – ao Observatório Astronómico de Lisboa na Tapada da Ajuda;
- Dia 9 de Maio – na Fundação Calouste Gulbenkian à exposição *"Os Czars e o Oriente – Ofertas da Turquia e do Irão no Kremlin de Moscovo"*
- Dia 6 de Junho – no Museu Nacional de Arte Antiga às exposições *"Reis e Mecenas. A Arte ao Serviço dos Sabóia: Turim 1730 - 1750"* e *"Esplendores do Oriente. Jóias de Ouro da Antiga Goa"*.

Apareçam sempre!

## IN MEMORIAM...

**Deixaram-nos... no primeiro semestre de 2014:**

- Dr. António da Mota Veiga Casal Simões de Castro Pina, Sócio 231 – em Janeiro;
- Dr. Francisco Carlos de Lemos Azevedo Taborda, Sócio 465 – em 11 de Janeiro;
- D. Maria do Céu Dias Santos, Sócia 880 – em 14 de Fevereiro;
- Dr. António Luiz Rebocho de Albuquerque Machado, Sócio 605 – em 3 de Março;

- Cor. José Manuel Mouro Ferreira, Sócio 58 – em 6 de Abril;
- Dr. Luís Gaspar da Silva, Sócio 800 – em Abril;
- Ten. Cor. Norton de Araújo Afonso, Sócio 291 – em Maio;
- Cor. Germano Pontes de Sousa, Sócio 515 – em Maio
- Prof. Doutor José Veiga Simão, Sócio 666 – em 3 de Maio.

Que descansem em Paz!

**NOTAS:**

Ainda temos Sócios com quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (alguns...)  
Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas!



Janeiro a Junho 2014

## FICHA TÉCNICA

### CAPA E BATINA

**DIRECTOR:** A Presidente da Direcção

**EDIÇÃO:** Associação dos Antigos Estudantes  
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: [aaecl@sapo.pt](mailto:aaecl@sapo.pt)

INTERNET: [www.aaec-lisboa.com](http://www.aaec-lisboa.com)

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

**PERIODICIDADE:** Semestral

**TIRAGEM:** 1000 exemplares

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS**

**SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO**

